



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

MENSAGEM DOS OFICIAIS DA CONFERÊNCIA GERAL

Os obreiros que trabalham na Conferência Geral são provavelmente o grupo que melhor pode observar e sentir as necessidades da Igreja no seu todo. Na realidade, a sede da Conferência Geral está em contacto permanente com praticamente todos os lugares do mundo onde quer que o povo de Deus vive e trabalha.

Todos os dias chegam aos escritórios da Conferência Geral, e dali são também enviadas, centenas de cartas, relatórios, mensagens telefónicas, telegramas e telexes. Não há nunca um só momento em que representantes da Conferência Geral não estejam visitando algumas áreas do campo mundial. Poucas organizações religiosas se podem comparar com a Igreja Adventista do Sétimo Dia nos seus contactos internacionais com os seus membros espalhados por todo o mundo.

Qual é, segundo os dirigentes da nossa Obra, que dispõem de tão vasta riqueza de informações, a maior necessidade da Igreja de Deus neste momento especial da História?

Respondemos sem qualquer hesitação: uma maior renovação espiritual para cada membro de igreja. Dizendo isto, não ignoramos de modo algum outras prementes necessidades que enfrentamos: mais

pessoal, dinheiro, liberdade, literatura, instituições e equipamentos.

A lista não tem fim. Mas em primeiro lugar aparece a necessidade de renovação espiritual, de uma entrega mais pessoal a Jesus, de uma comunhão diária com o Deus vivo e de uma consagração mais completa à missão da Igreja.

A Semana de Oração é uma oportunidade para cada um de nós, individualmente e como Igreja, fazermos tal entrega e experimentarmos uma renovação espiritual.

Em primeiro lugar, as promessas de Deus são claras. Tiago escreve: «A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos» (cap. 5:16).

Acha-se à nossa disposição grande poder, que podemos obter através da oração. Diz Ellen White: «A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça a pode substituir e a saúde da alma ser conservada.» — *Obreiros Evangélicos*, pp. 254, 255. Ela realça que «Ao som da fervorosa oração todo o exército de Satanás treme.» — *Testemunhos Selectos*, vol. I, p. 121.

Em segundo lugar, todos nós sabemos por experiência própria quão grandes coisas a oração pode realizar. Pensando nas anteriores Semanas de Oração a que assistimos, sobretudo em nossas escolas, recordamos o que elas significaram para nós. Foi nessas Semanas

de Oração que muitos de nós encontramos ao Salvador pela primeira vez. Foi então que tomámos decisões, que começámos uma experiência de íntimo companheirismo com Cristo. Deus não é diferente hoje. O acesso ao Seu imenso tesouro continua aberto. E nunca esteve tão desejoso como agora de colocar o melhor do Céu à nossa disposição.

O tema da Semana de Oração de 1978 é o AMOR. Sobre este tema, que interessa a todos, escreveram diversos obreiros de experiência. Talvez que leitores nas diversas partes do mundo as desejem estudar e adaptar ao seu estilo e ambiente cultural característicos. Pensamos que escritores de diversas ascendências éticas e culturais e com experiências diferentes deram o seu melhor a estas mensagens.

Dirigimos a todos um cordial convite para que tomeis parte activa na Semana de Oração de 1978.

Encontra-se à nossa disposição poder extraordinário para podermos enfrentar as grandes dificuldades de hoje. É bom lembrar que «Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se o não pedíssemos assim.» — *O Conflito dos Séculos*, p. 386.

SEMANA DE ORAÇÃO DE 1978

A Semana de Oração tem adquirido no decurso dos anos um tal significado que cada ano representa um dos pontos altos da nossa vida espiritual.

Certamente que não seria correcto pensar que o espírito e a forma de oração em nossas igrejas se devem limitar a uma determinada época. Quando Paulo diz, em 1 Tess, 5:17: «Orai sem cessar», ele convida-nos a buscar a todo o instante, através da oração, o caminho que conduz a Deus e a viver constantemente num espírito de comunhão.

Para os crentes a oração é a chave que abre os tesouros do Céu e ninguém pode aspirar a viver a vida de Cristo sem essa ligação com o poder divino. Todavia, demasiado frequentemente, surpreendemo-nos a querer resolver nós mesmos os nossos problemas, a procurar realizar sozinhos os nossos deveres, e a só recorrer à oração quando o não conseguimos, ou quando somos provados, ou sofremos. A Semana de Oração, como experiência de comunhão, leva-nos a compreender claramente o sentido e a importância da adoração a Deus, ajuda-nos a renovar a nossa piedade e faz-nos sentir a proximidade da presença de Jesus, mesmo quando apenas duas ou três pessoas se reúnem em Seu nome.

Vivemos numa época cuja característica principal é o cumprimento da profecia de Daniel, isto é, esperar por um tempo de perturbação como a humanidade jamais conheceu. A este respeito declarou Jesus: «Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.» Como igreja dos últimos dias, é-nos indispensável uma íntima comunhão com Deus e isso só nos é possível através da oração. Deveríamos preparar-nos para esta Semana de Oração e na medida do possível relegar para segundo plano os nossos interesses e deveres pessoais, a fim de buscar por altura destas reuniões especiais da igreja, uma comunhão

fraternal através da oração. Depende de cada um de nós que esta semana seja uma ocasião de profunda alegria na vida espiritual da igreja e que nós dela retiremos ricas bênçãos.

A oferta especial será levantada, como todos os anos, no segundo Sábado desta Semana. Teremos assim ocasião de fazer uma experiência espiritual, porque através dos nossos dons manifestaremos a Deus o nosso reconhecimento (Sal. 50:14). No Antigo Testamento o sacrifício de acção de graças é sempre celebrado sob a forma de festa. Esta colecta não deve nunca tornar-se uma rotina, mas ser parte integrante do culto divino e ser apresentada de modo vivo e solene. Com excepção da oferta da Escola Sabatina, nesse dia apenas haverá a oferta para a Semana de Oração. Mostraremos deste modo a nossa responsabilidade em relação com a obra missionária mundial, à qual se destina a totalidade da oferta.

No passado havia o costume de trazer ao Senhor, para este efeito, o produto de uma semana de trabalho. Desde o princípio do ano eram postos de lado dons a fim de se alcançar esse objectivo. Muitos membros de igreja aplicam ainda este método e as crianças gostam também de oferecer publicamente as importâncias que conseguiram juntar para este fim.

As necessidades financeiras da obra missionária mundial são grandes. A contínua desvalorização do dólar americano provocou sérias lacunas na realização do programa financeiro. E apesar de tudo a mensagem adventista tem de ser anunciada a todos os povos e a todas as línguas. Nós podemos, pelo nosso espírito de sacrifício, contribuir para o desenvolvimento da obra missionária, mesmo em tempos difíceis. Que esta Semana de Oração de 1978 nos aproxime mais de Deus e se torne um estímulo espiritual para cada um de nós!

E. AMELUNG

SUMÁRIO

MENSAGEM DOS OFICIAIS
DA CONFERÊNCIA GERAL

SEMANA DE ORAÇÃO
DE 1978

DEUS É AMOR

A PRIMAZIA DO AMOR

O AMOR EM ACÇÃO

AMOR É DAR

O AMOR PENSA

O AMOR TUDO SUPORTA

O AMOR EM SUA PLE-
NITUDE

HOMEM ALGUM TEM
MAIOR AMOR

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

OUTUBRO 1978

ANO XXXIX

N.º 385

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço
de assinatura, os portes são a
cargo do assinante.

DEUS É AMOR

ELLEN G. WHITE

**O amor não se pode impor;
não pode ser conquistado pela força
ou pela autoridade. Só o amor
desperta o amor.**

«Deus é amor». Sua natureza, Sua lei, são amor. Assim sempre foi; assim sempre será. «O Alto e o Sublime, que habita na eternidade», «cujos caminhos são eternos», não muda. N'Ele «não há mudança nem sombra de variação.»

Toda a manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito. A soberania de Deus compreende a plenitude de bênçãos a todos os seres criados. ...

A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que a princípio se iniciou no céu até à derrocada final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus. ...

Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita harmonia, com seus grandes princípios de justiça...

Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, houve perfeita harmonia por todo o universo de Deus. Era a alegria da hoste celestial cumprir o propósito do Criador. Deleitavam-se em reflectir a Sua glória e paten-tear o Seu louvor. E enquanto foi supremo o amor para com Deus, o amor de uns para com outros foi cheio de confiança e abnegação. Nenhuma nota discordante havia para deslustrar as harmonias celestiais (*).

O homem foi no início dotado de faculdades nobres e de um espírito bem equilibrado. Era fisicamente perfeito e moralmente em harmonia com Deus. Os seus pensamentos eram puros, santas as suas aspirações. Mas, pela desobediência, as faculdades se lhe perverteram e o egoísmo substituiu o amor. Fez-se cativo de Satanás

e assim teria permanecido para sempre se Deus não tivesse intervindo de modo especial (2).

O inimigo do bem cegou a tal ponto o espírito dos homens, que olharam para Deus com temor e consideraram-n'O como um ser inexorável. Satanás faz passar o nosso Pai Celeste por um ser de uma justiça inflexível, por um juiz severo e por um credor exigente e cruel. Ele pinta o Criador como um ser que expia os homens, procurando descobrir os seus pecados e erros, a fim de os ferir com Seus juízos (3).

A Terra obscureceu-se devido à má compreensão a respeito de Deus. Para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse volver ao Criador, era preciso que se derrubasse o poder enganador de Satanás. Isso não se podia fazer pela força. O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor, não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor. Conhecer a Deus é amá-l'O. O Seu carácter deve ser manifestado em contraste com o de Satanás. Essa obra, unicamente um Ser, em todo o universo, era capaz de realizar. Aquele que conhecia a altura e a profundidade do amor de Deus, podia torná-lo conhecido (4).

«O dom de Cristo revela o coração do Pai. Ele testifica que os pensamentos de Deus a nosso respeito são pensamentos de paz, e não de mal» (Jer. 29:11). Declara que, ao passo que o ódio de Deus para com o pecado é forte como a morte, o Seu amor para com o pecador é ainda mais forte do que a morte. Havendo empreendido a

nossa redenção, não poupará coisa alguma, por cara que Lhe seja, se necessária for à finalização da Sua Obra. Nenhuma verdade essencial à nossa salvação é retida, nenhum milagre de misericórdia negligenciado, nenhum instrumento divino deixado de ser posto em acção. Os favores amontoam-se aos favores, as dádivas acrescentam-se às dádivas. Todo o tesouro do Céu se acha franqueado àqueles que Ele busca salvar. Havendo colectado as riquezas do Universo e aberto os recursos do infinito poder, entrega tudo nas mãos de Cristo e diz: Tudo isso é para o homem. Serve-Te de tudo isso para Lhe provar que não há amor maior do que o meu na Terra e no Céu. A Sua maior felicidade se achará em Me amar ele a Mim.

Na cruz do Calvário, o amor e o egoísmo encontraram-se face a face. Ali teve lugar a sua suprema manifestação. Revelou o desígnio dos homens. Jesus veio com a verdade do Céu e todos quantos ouviram a Voz do Espírito Santo foram atraídos a Ele. Os adoradores do próprio eu pertenciam ao reino de Satanás (5).

A espessa escuridão com que Satanás se esforça por circundar o trono da Divindade foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida.

Quando Filipe foi ter com Jesus, pedindo: «Mostra-nos o Pai, o que nos basta», o Salvador respondeu-lhe: «Estou há tanto tempo convosco e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim, vê o Pai, e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?» (João 14:8, 9). Cristo declara-Se enviado ao mundo como representante do Pai. Em Sua nobreza de carácter, em Sua misericórdia eterna piedade, em Seu amor e bondade, Ele Se acha perante nós como a encarnação da perfeição divina, a imagem do Deus invisível. ...

O Insondável amor de Deus

O mais precioso dom que o Céu possuía para conceder, foi outorgado para que Deus «seja justo e

justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:26). Por esse dom são os homens erguidos da ruína e degradação do pecado para se tornarem filhos de Deus. ...

Irmãos, como o amado João rogo-vos: «Vêde quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôsemos chamados filhos de Deus» (1 João 3:1). Que amor, que incomparável amor, que, pecadores e estranhos como somos, possamos ser levados novamente a Deus e adoptados em Sua família! A Ele nós podemos dirigir chamando-O pelo terno nome de «Pai Nosso», o que é um sinal da nossa afeição por Ele e um penhor de Sua terna consideração e parentesco para conosco. E o Filho de Deus, olhando aos herdeiros da graça, «não se envergonha de lhes chamar irmãos.» Têm para com Deus uma relação ainda mais sagrada do que os amigos que ainda não caíram nunca.

Todo o amor paternal que veio de geração em geração através do coração humano, toda a fonte de ternura que se abriu na alma do homem, não passam de ténue riacho em comparação com o ilimitado oceano, quando postos ao lado do infinito, inexaurível amor de Deus. A língua não o pode exprimir, nem a pena é capaz de o descrever. Podeis meditar nele todos os dias da vossa vida; podeis esquadrihar diligentemente as Escrituras a fim de compreendê-las; podeis concitar toda a faculdade e poder a vós concedidos por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai Celeste; e todavia existe ainda um infinito horizonte para além. Podeis estudar por séculos esse amor; não obstante, jamais podereis compreender plenamente a extensão e a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus em dar o Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca o poderá revelar⁽⁸⁾.

Devemos reflectir o Seu amor

A vida de Cristo estava imbuída da divina mensagem do amor de Deus e anelava intensamente transmitir esse amor aos outros em abundante medida. O Seu semblante irradiava compaixão e a Sua conduta caracterizava-se pela graça, humildade, verdade e amor. Todo o membro da Sua igreja militante deve manifestar as mesmas qualidades se deseja fazer parte da igreja triunfante⁽⁷⁾.

Durante cada hora da peregrinação de Jesus na Terra, o amor de Deus d'Ele manava em irreprimíveis correntes. Todos quantos são possuídos do Seu espírito, hão-de amar como Ele amou. O mesmo princípio que actuava em Jesus, há-de actuar neles em todo o seu trato uns com os outros.

Esse amor é o testemunho do seu discipulado. «Nisto todos conhecereis que sois meus discípulos», disse Jesus, «se vos amardes uns aos outros.» Quando os homens se ligam entre si não pela força do interesse pessoal, mas pelo amor, mostram a operação de uma influência que é superior a toda a influência humana. Onde existe esta unidade, é evidente que a imagem de Deus está sendo restaurada na humanidade, que foi implantada nova vida⁽⁸⁾.

Devemos amar a Deus sobre todas as coisas e ao nosso próximo como a nós mesmos⁽⁹⁾.

Alguns há que manifestam grande afeição pelos parentes, pelos amigos e favoritos, e que todavia fallam em ser bondosos e considerados para com os que necessitam de terna simpatia, que necessitam de verdade e amor. Coração ansioso, indaguemos: Quem é o meu próximo⁽¹⁰⁾?

Cristo mostrou que o nosso próximo não quer dizer simplesmente alguém da nossa igreja ou da mesma fé. Não tem que ver com distinção de raça, cor ou classe. O nosso próximo é todo aquele que necessita do nosso auxílio. ... Egoísmo e fria formalidade têm quase extinguido o fogo do amor, dissipando as graças que seriam por assim dizer a fragrância do carácter. Muitos que professam o Seu nome, deixaram de considerar o facto de que os cristãos têm de representar a Cristo. A menos que haja sacrifício prático em bem dos outros, no círculo da família, na vizinhança, na igreja e onde quer que estejamos, não seremos cristãos, seja qual for a nossa profissão⁽¹¹⁾.

No Céu ninguém pensará em si mesmo, nem buscará o próprio prazer; mas todos, movidos por puro e genuíno amor, buscarão a felicidade dos seres celestes que os rodeiam. Caso desejemos fruir a sociedade celeste na Terra renovada, precisamos ser aqui regidos por princípios celestes⁽¹²⁾.

Mas nunca poderemos possuir este espírito por *tentar* amar os outros. O que é necessário é o amor de Cristo no coração. Quando o eu está imerso em Cristo, o amor brota espontaneamente. A perfeição do carácter do cristão é alcançada quando o impulso de auxiliar e abençoar a outros brota constantemente do íntimo—quando a luz do Céu encher o coração e for revelada no semblante.

Não é possível que o coração em que Cristo habita seja destituído de amor. Se amarmos a Deus, porque primeiro nos amou, amaremos a todos por quem Cristo morreu. Não podemos estar em contacto com a Divindade sem primeiro nos aproximarmos da humanidade; porque n'Aquele que Se assenta no trono do universo a Divindade e

a humanidade estão combinadas. Unidos com Cristo, estamos unidos com nossos semelhantes pelos áureos elos da cadeia do amor. Então a piedade e compaixão em Cristo serão manifestas em nossa vida. ... Ser-vos-á tão natural servir o indigente e o sofredor, como o foi para Cristo andar fazendo o bem⁽¹³⁾.

Para que a igreja possa prosperar tem de haver um estudo consciencioso por parte de seus membros para acarinhares a preciosa planta do amor. Que ela tenha todas as vantagens a fim de que possa florescer no coração. Todo o verdadeiro cristão desenvolverá na sua vida as características deste amor divino; revelará um espírito de indulgência, de beneficência e estará liberto de qualquer inveja ou ciúme. Este carácter desenvolvido em palavra e acção não repelirá, nem será inabordable, frio e indiferente aos interesses dos outros. A pessoa que cultiva a preciosa planta do amor será abnegada em espírito e não perderá o domínio próprio mesmo sob provocação. Não imputará motivações erradas ou más intenções aos outros, mas sentirá profundamente o pecado quando descoberto em qualquer discípulo de Cristo.

O amor não se vangloria em si próprio. É um elemento humilde; nunca leva uma pessoa a exaltar-se ou a vangloriar-se. O amor a Deus e aos nossos companheiros não será revelado em actos de precipitação, não levará a ser despótico, crítico ou ditatorial. O amor não ensoberbece. O coração onde reina o amor será guiado a ter uma conduta de gentileza, cortesia e compaixão para com os outros, quer estes nos agradem ou não, quer nos respeitem ou tratem mal. O amor é um princípio activo; mantém continuamente diante de nós o bem dos outros, refreando-nos de acções inconsideradas, a menos que falhemos o nosso objectivo de ganhar almas para Cristo⁽¹⁴⁾.

Nosso Tema no Céu

O maravilhoso desígnio da graça do Senhor, o mistério do amor que redime é o tema para o qual os anjos desejam atentar, e será seu estudo através dos séculos sem fim. Mas os seres remidos e os não caídos encontrarão na cruz de Cristo a sua ciência e o seu cântico. Ver-se-á que a glória que respandece na face de Jesus Cristo é a glória do abnegado amor. A luz do Calvário se patenteará que a lei do amor, que «não busca os seus interesses», tem a sua fonte no coração de Jesus; e que no manso e humilde Jesus se manifesta o carácter d'Aquele que habita na luz inacessível ao homem⁽¹⁵⁾.

A PRIMAZIA DO AMOR

DON F. NEUFELD

O mundo cristão tem uma grande dívida de gratidão para com Paulo por este tão perfeito tratado sobre o amor, que é 1 Coríntios 13.

«Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estas três, mas a maior destas é o amor» (1 Cor. 13:13)

A fé, tal como a esperança, ocupa um importante lugar na experiência cristã. Mas a mais exaltada das virtudes é o amor. Porquê? Quais as implicações práticas da palavra «amor»?

A resposta a estas perguntas encontra-se em 1 Coríntios 13. O

mundo cristão tem uma grande dívida de gratidão para com Paulo por este tão perfeito tratado sobre o amor.

Desde a composição desta obra-prima sobre o amor nenhum cristão tem desculpa para não saber o que é o amor ou deixar de praticar esta virtude em sua vida. Se quiser saber em que medida consegue demonstrar amor em sua vida tudo quanto tem a fazer é olhar para o espelho de 1 Cor. 13. Imediatamente quaisquer lacunas

se lhe tornarão dolorosamente visíveis.

É este capítulo sobre o amor, 1 Cor. 13, que constitui a base das leituras da Semana de Oração deste ano. A medida que durante esta semana a mensagem deste capítulo for mais uma vez estudada e, pela graça de Deus, novamente aplicada em nossas vidas, é inevitável que haja mudanças nas nossas vidas, nos nossos lares e nas nossas igrejas.

Objectivo de 1 Cor. 13

Por onde começaremos o estudo do Salmo do amor escrito por Paulo? Vejamos, em primeiro lugar, o seu contexto. O que explica a sua inclusão na carta de Paulo à igreja de Corinto?

Paulo escreveu esta carta aos coríntios para corrigir certas faltas

E ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admirarão o carácter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, a alma dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro; e milhares de milhares de milhões de milhões de vozes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

«E ouvi a toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da Terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas acções de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre.» (Apoc. 5:13).

O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está puri-

ficado. Uma única palpação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D'Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor⁽¹⁴⁾.

Referências

- (1) *Patriarcas e Profetas*, pp. 33-35.
- (2) *Aos Pés de Cristo*, p. 15.
- (3) *Ibid.*, p. 9.
- (4) *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 14-15.
- (5) *Ibid.*, p. 39.
- (6) *Testemunhos Selectos*, vol. II, pp. 335-337.
- (7) *Fundamentos de Educação Cristã*, p. 179.
- (8) *O Desejado de Todas as Nações*, p. 506.
- (9) *Filhos e Filhas de Deus*, p. 52.
- (10) *Ibid.*
- (11) *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 375, 376.
- (12) *Testemunhos Selectos*, vol. I, p. 207.
- (13) *Parábolas de Jesus*, pp. 384 e 395.

(14) *Testimonies*, vol. 5, pp. 123, 124.

(15) *O Desejado de Todas as Nações*, p. 13.

(16) *O Conflito dos Séculos*, p. 498.

Perguntas para discussão

1. Que lei é a base do governo de Deus? Qual é a maneira mais simples de enunciar esta lei? Ver Mat. 22:36-39. Como concorrem estes dois mandamentos para benefício dos pecadores? Ver Êxo. 20:3-17; Rom. 13:8-10.

2. Porque era Jesus o único que podia revelar o amor de Deus ao homem caído?

3. Que bênçãos resultam da morte de Cristo na cruz?

4. Qual a medida do amor de Deus por nós? Podemos nós ter pelos outros o mesmo amor que Deus tem por nós? Se sim, como? Se não, porque não?

5. Quão essencial é para mim ser um cristão que ama? A quem?

6. Apresente uma descrição do cristão que reflecte realmente o amor de Cristo.

7. O que estudarão os homens e os anjos através da eternidade?

e mal-entendidos que começavam a correr essa jovem congregação. Entre outras coisas, os crentes eram mais zelosos na religião exterior no que na condição interior do coração. Exultavam particularmente nos dons milagrosos do Espírito Santo, que eram especialmente evidentes na sua igreja: «De maneira que nenhum dom vos falte, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo» (cap. 1:7), disse-lhes Paulo.

Cada crente havia recebido algum dom milagroso (cap. 12:7). Mas, em vez de beneficiarem desses dons, alguns usavam-nos para exibição exterior e glória própria.

Não devemos ser demasiado severos em julgar esses crentes. Eles eram novos na fé. De facto, na altura em que se converteram, o Cristianismo tinha só 20 anos de existência. Não possuíam muitas das vantagens que temos hoje. O Novo Testamento começava apenas a ser escrito e as cópias do Velho Testamento eram raras. Não admira que o comportamento destes cristãos revelasse algumas deficiências. Mas o interessante é que foram essas deficiências que motivaram a grande obra-prima de Paulo sobre o amor.

A óde de Paulo ao amor está intercalada entre o seu extenso discurso sobre os dons carismáticos e a continuação deste tópico no capítulo 14. Os coríntios faziam destes dons fins em si mesmos. Estavam orgulhosos dos seus dons e sem justificação exaltavam alguns dons acima de outros. Paulo disse-lhes que isso era errado. Embora os dons fossem importantes e fosse legítimo aspirar aos «melhores dons» (cap. 12:31), esses dons eram secundários quando comparados com o amor. Sem amor, disse-lhes Paulo, «as línguas» eram simples sons de metal; sem amor, «profecia», «conhecimento», «fé» não tinham qualquer significado. Os dons servem necessidades temporais e desaparecerão um dia, porque no mundo perfeito já não serão necessários. Mas o amor permanecerá através de toda a eternidade. Somente aqueles que amam entrarão naquela pátria melhor.

E assim é importante que esta semana voltemos a estudar o que é o amor; que olhemos novamente para o espelho de 1 Cor. 13. Se o nosso trabalho cristão é mera actuação, sem amor, temos de fazer o necessário para revelar em nossas vidas aquilo que é essencial, o amor.

O Amor é um Princípio

O tema do amor é um fio que percorre toda a Bíblia. O apóstolo João define de modo simples o amor quando diz: «Deus é amor» (1 João 4:8).

Por outras palavras, se queremos saber o que é o amor, temos de olhar para Deus. O Seu carácter é amor. O modo como trata o Seu povo é amor. Se tratarmos as pessoas do mesmo modo como Deus as trata, então é porque as amamos.

Algumas pessoas confundem o amor de que a Bíblia fala com um sentimento emocional. Pensam que para amar uma pessoa têm de sentir para com elas o mesmo sentimento que sentem, por exemplo, para com o seu cônjuge ou os membros da sua família. Mas o amor que a Bíblia prescreve é algo que pode dirigir-se mesmo a pessoas de quem não se gosta. Não depende de sentimentos. É um princípio.

É verdade que amor para com certas pessoas evidencia emoções ardentes e agradáveis; mas isso provém do facto de as pessoas amadas responderem com sentimentos recíprocos.

O amor que a Bíblia nos convida a cultivar é um princípio e dirige-se a todas as pessoas sem ter em conta a sua resposta. É esta espécie de amor que Deus tem demonstrado para conosco. «Deus amou o mundo de tal maneira» (João 3:16). Ele ama mesmo aqueles que estão em inimizade com Ele. É esta espécie de amor que nós também temos de ter. Devemos também amar os nossos inimigos. Jesus ordena-nos especificamente que o façamos (Mat. 5:44). A obediência a um tal mandamento seria impossível se se esperasse que os cristãos sentissem para com seus inimigos o mesmo que sentem para os membros das suas famílias mais chegadas. Mas não é isto o que Deus requer.

O que se requer dos cristãos é que tratem os seus inimigos como Deus trata aqueles que estão em inimizade com Ele, nomeadamente com solicitude e sem parcialidade. Jesus continua explicando: «Para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz com que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos» (v. 45).

Quando se compreende que amar as pessoas é tratá-las como Deus as trata, o amor torna-se compreensível e possível.

Temos também uma interessante definição de amor quando meditamos na lei de Deus. Em sua pregação sobre a lei, os Adventistas do Sétimo Dia nem sempre têm dado a devida ênfase ao amor como o seu aspecto essencial. Como resultado, alguns têm pensado que o amor é diametralmente oposto à lei: se o amor é caloroso e dinâmico, a lei seria fria e legalística. É lamentável que alguém possa receber tal impressão pela proclamação da lei pelos Adventistas do Sétimo Dia. A lei não deve ser pro-

clamada sob o aspecto negativo e legalístico, como uma simples lista de deveres e proibições, mas sob um aspecto positivo, como uma expressão do carácter de Deus e Deus é amor. Por isso, amar é cumprir a lei e cumprir a lei é amar.

Deste modo, na lei encontramos outra definição da lei. Resumindo, a lei diz-nos: «Sede como Deus.» Quanto mais eficaz seria o nosso ensinamento da lei se a proclamásemos como uma condensação do amor. O próprio Jesus resumiu o ensino do Antigo Testamento em dois grandes mandamentos: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento» e «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Mat. 22:37, 39). E acrescentou: «Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas» (v. 40).

O amor de que nos falam Jesus, Paulo e João é muito mais do que uma emoção indefinida, uma certa força misteriosa que está ou não está presente, dependendo das circunstâncias. O amor segundo a Bíblia é um princípio que pode ser comandado, controlado e dirigido tanto a amigos como a inimigos.

Se Deus é amor, então, na definição de amor de Paulo em 1 Cor. 13, se substituírmos a palavra «Deus» por «amor», havemos de ter uma sublime declaração.

Dará resultado? Comecemos, por exemplo, com o versículo 4. Leríamos assim: «Deus é paciente e bondoso» (Versão revista, *A Bíblia na linguagem de hoje*). É isto verdade? Certamente. A bondade de Deus permanece para sempre. A Sua longanimidade é repetidamente enaltecida.

E como Jesus e o Pai são *Um*, e dado que Jesus veio para revelar o Pai, podemos substituir a palavra «amor» pelo nome de «Jesus». O versículo 5 ler-se-ia então assim: «Jesus não é grosseiro, nem egoísta. Jesus não se irrita, nem suspeita mal.» Quão verdadeira é esta descrição do carácter do nosso Salvador!

É possível amar desta maneira

Chegamos agora à parte difícil da nossa pequena «experiência», que consiste em colocar o nosso próprio nome onde aparece a palavra «amor» nos versículos 4 a 7. É um teste decisivo. Serão as declarações dos versículos 4 a 7 verdadeiras se substituírmos a palavra amor pelo nosso nome: «João/Maria é paciente e bondoso. ... Não é ciumento, nem vaidoso, nem orgulhoso... Não é grosseiro, nem egoísta?»

Se não são verdadeiras, então há algo a fazer urgentemente. Te-

O AMOR EM ACÇÃO

G. J. CHRISTO

O mundo desfalece por algo que preencha as necessidades do coração, algo que satisfaça os anseios da alma humana.

Era um cenário moderno para uma velha história, história que tem sido repetida pelos cristãos de todas as eras desde que a história original foi contada por Jesus. O antigo cenário era diferente, tal como diferentes eram os personagens, mas o espírito de compaixão, o princípio do amor, era o mesmo.

Um desconhecido jazia à porta do escritório da nossa missão no nordeste da Índia. Como é vulgar, dezenas de pessoas ignoraram o

homem inconsciente. Mas o amor cristão impeliu três mulheres da missão a irem em seu auxílio.

O médico local havia declarado que a sua condição era desesperada e deixara-o ali para morrer. O estranho não tinha vontade de viver. Sua família e amigos haviam-no abandonado. Sua terra fora-lhe tirada pelos credores. Mas para aquelas mulheres ele era um homem por quem Cristo morrera.

Como poderiam deixá-lo morrer sem procurar salvá-lo?

Cuidaram dele bondosamente. Quando as forças lhe voltaram falaram-lhe de Jesus e Seu amor. Esse amor tinha para ele profundo significado, pois o vira demonstrado nos cuidados de que fora alvo por parte de seus novos amigos cristãos. Alguns meses mais tarde, aquele homem que estivera prestes a morrer, deu o seu coração a Jesus.

Os não cristãos nem sempre compreendem que a generosidade é um fruto natural do cristianismo. Um de nossos irmãos agradecia um dia a um homem que dá regularmente uma contribuição anual para as nossas missões. Eis a resposta que recebeu do seu doador: «Eu não dou porque vos desejo ajudar, mas

mos de procurar corrigir esta situação. «Há uma fonte aberta na casa de David contra o pecado e contra a impureza» (Zac. 13:1). Nela temos de mergulhar para ser purificados. Jesus convida-nos a vir a Ele se ao olharmos para o espelho de 1 Cor. 13 ele nos revelar defeitos e falhas. «Por meio de Cristo, toda a deficiência de carácter pode ser suprida, toda a contaminação removida, corrigida toda a falta, e toda a boa qualidade desenvolvida.» — *Educação*, p. 257.

Não importa quão impressionante seja o nosso registo de trabalho missionário, quantas horas por semana devotemos ao serviço da igreja ou ao evangelismo pessoal. Sem amor, nada somos. Mesmo que pelo nosso trabalho outros possam ser ajudados, os nossos labores e fadigas de nada nos aproveitarão, a não ser que, como salienta Paulo, os nossos caracteres reflitam o carácter de Deus. Deus tomou todas as providências para que tal transformação possa ser realizada. Jesus morreu na cruz para que as nossas naturezas possam ser transformadas.

Simultaneamente, devemos lembrar-nos que reflectir a imagem de Deus e de Jesus é uma experiência progressiva. Só podemos reflectir essa imagem na medida em que

tivermos uma noção justa do carácter divino. Como iremos ver esta semana, 1 Cor. 13, dá-nos informações preciosas, mas toda a Escritura Sagrada constitui uma revelação do carácter de Deus.

Para crescer em amor, precisamos, portanto, de receber diariamente novos vislumbres do carácter de Deus. Recebêmo-los através do estudo diário da Palavra. Por mais belo poema que seja 1 Cor. 13, na realidade é apenas um começo, e esse estudo deveria estimular-nos a fim de que possamos contemplar o amor em todos os seus múltiplos aspectos.

Assim, crescemos em amor ao nos alimentarmos da Palavra. E talvez esta seja a mais importante decisão que possamos tomar durante esta Semana de Oração: decidir sondar diariamente a Palavra de Deus em busca de maiores e novas revelações do carácter de Deus. Há aqui algo mais do que o simples orar para que possamos reflectir o amor. Deus opera através da Palavra e através da nossa inteligente compreensão da Palavra, bem como através da nossa vontade, para efectuar transformações de carácter.

Portanto, temos de progredir até que, como diz Paulo em 1 Cor. 13, «vier o que é perfeito» (v. 10). En-

tão veremos «face a face» e «conhecerei como também sou conhecido» (v. 12).

Perguntas para discussão

1. Como difere a espécie de amor que o cristão é chamado a demonstrar das experiências a que o mundo chama amor?

2. Que pensais da conclusão que alguns tiram de que o amor que Deus tem pela família humana O leva a ser misericordioso e a desculpar os defeitos de carácter? Quais são alguns exemplos que a Bíblia nos dá acerca da atitude de Deus em relação ao pecado? Que podemos aprender destes exemplos?

3. Até que medida devemos permitir que o nosso amor pelos outros, incluindo os nossos filhos, desculpe indesejáveis traços nos seus caracteres? Em que ponto se torna o nosso amor culpável indulgência?

4. De que modo é possível amar aqueles de quem não gostamos?

5. De que maneira é o amor maior do que a fé? Do que a esperança?

porque, como um bom hindu, eu procuro amontoar crédito para a minha vida futura.» Desassombadamente ele admitia que a sua dívida não era motivada pela necessidade dos outros, mas por futuro benefício pessoal. O seu objectivo era receber uma recompensa.

O amor é a base de cada acção de Deus. Este amor expressou-se na criação da humanidade e era desígnio de Deus que o amor continuasse a ser a base das relações entre os homens e as mulheres e entre estes e o seu Criador. A introdução do pecado trouxe uma mudança neste relacionamento, mas o Calvário tornou possível a restauração do que se havia perdido.

Sem amor, não há cristianismo. «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho Unigénito» (João 3:16). Nesse dom todo o Céu se esvaziou. Deus Filho voluntariamente deixou o Seu lar celestial e condescendeu em partilhar a sorte do homem pecador e pagar a penalidade do pecado do homem. Porquê? Entre outras razões, para incitar a raça humana a manifestar a mesma espécie de amor que Deus manifestou por todos nós. Este princípio de amor ganha raízes no coração quando o pecador arrependido aceita a Jesus como seu Pai. Tal amor não pode permanecer escondido.

«Quando o eu está imerso em Cristo, o amor brota espontaneamente.»—*Parábolas de Jesus*, p. 384. Este amor transcende todas as barreiras raciais ou culturais. Procura servir ao próximo nas suas mais profundas necessidades, o que quer dizer mais do que prover às suas necessidades básicas de alimentação, vestuário e abrigo. O amor envolve mais do que cuidar das necessidades físicas e aspirações sociais de alguém. O amor faz tudo o que pode para levar os outros a um relacionamento com Deus, a cuja imagem foram criados.

Para alguns cristãos, um dos motivos que os incita a fazerem o bem parece ser aumentar o número de membros de igreja; se nisto se inclui ganhar almas para o reino eterno de Deus, então tal motivação parece legítima. Mas os cristãos devem sempre fazer boas obras sem pensar em recompensas, seja no plano pessoal, seja no plano organizacional. O cristão fará as suas obras de caridade motivado pelo amor de Deus. Não precisará de competição ou outros incentivos criados pelo homem para o motivarem. Há milhões de pessoas que acham mais fácil fazer o bem do que amar. Fazer boas acções traz-lhes um certo grau de satisfação. Incha o seu ego e cria-lhes uma boa reputação. Tal como o jovem rico muitos pensam que estrita adesão à doutrina e cumprimento do dever têm a aprovação do Mestre. Quando Jesus apon-

tou o que faltava ao jovem rico «ele foi embora triste» (Ver Mat. 19:16-22). «O jovem não desejou mais esclarecimento. Nutrira na alma um ídolo—o mundo era o seu Deus. Professava ter guardado os mandamentos, porém estava destituído do princípio que é o próprio espírito e vida de todos eles. Não possuía verdadeiro amor a Deus e ao homem. Esta falta era a carência de tudo quanto o qualificaria para entrar no reino do Céu. Em seu amor ao próprio eu e ao ganho terrestre, estava em desarmonia com os princípios do Céu.»—*Ibid.*, p. 392.

Quando alguém ama a Jesus, é zeloso em salvar todo aquele que Jesus ama. Todo aquele que entra em contacto com um cristão deve ser levado a ter consciência do potencial que pode alcançar em Cristo. O Bispo Pickett, que dedicou toda a sua vida ao trabalho na Índia, conta a experiência de um pária que levou seu mestre Brahmin a Jesus. O pária foi cruelmente espancado por seu senhor por se ter negado a ir com ele roubar fruta a um vizinho. A firmeza moral daquele doméstico enfiureceu o Brahmin. Mas mais tarde ouviu o servo a orar por ele, pedindo a Deus que lhe perdoasse e seu orgulhoso espírito foi quebrado, e ele entregou o coração a Jesus.

Amar é aceitar os outros

Muitos de nós tiveram oportunidade de observar o bem realizado por um colportor evangelista zeloso e cheio do Espírito Santo, viram o abnegado ministério de um pastor, ou o paciente amor de um professor, ou o toque curador de um médico cristão. Pelo seu serviço de amor novos impulsos foram despertados em vidas obscuras pelo pecado. A flama do amor, de que eram portadores, permitiu acender ou reanimar a chama da esperança naqueles que se consideravam a si mesmos sem esperança. Se os cristãos adventistas pudessem ao menos ter uma visão do que poderiam realizar graças a uma acção motivada pelo amor, quão depressa a obra de Deus poderia ser terminada! «Se nos humilhássemos diante de Deus e fôssemos bondosos e corteses e de coração terno e misericordioso, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora existe apenas uma.»—*Testimonies*, vol. 9, p. 189.

Quando se viaja através do mundo fica-se impressionado com o facto de que o cristianismo esteve na base de muitas das coisas que encantam a vista. Há edifícios famosos, verdadeiras obras-primas que apelam para a natureza ascética do homem. Há monumentos de saber que deram forma às vidas

e destinos dos que estudaram entre as suas paredes: instituições de renome que ministram a cura, as mais elevadas ideias de um código moral que influenciaram a constituição de muitas nações. E tudo serviu para atrair gente para o cristianismo. Mas embora isso possa emocionar e encantar, o mundo desfalece por algo que preencha as necessidades do coração, algo que satisfaça os anseios da alma humana.

Amar é dar testemunho aos outros

A maior necessidade da igreja não é de mais e maiores instituições, melhores equipamentos ou mesmo melhores métodos de evangelização. A maior necessidade é de amor na vida de cada crente chamado a testemunhar de Cristo. Um espírito de secularismo e materialismo na igreja abafa o seu dinamismo missionário de forma que ela deixa de reflectir o abnegado e amável ministério do Salvador. «Implantado no coração, renovado o homem segundo a imagem d'Aquele que o criou, cumpre-se a promessa da nova aliança... Uma obediência, uma submissão tendo por motivo o amor—eis a prova do verdadeiro discípulo.»—*Aos Pés de Cristo*, p. 58.

A menos que a nossa actividade reflita este amor, toda a nossa agitação febril, todo o nosso esforço será, no dizer do apóstolo Paulo, um metal que soa, um sino que tine. A igreja precisa ter um espírito de solicitude por aqueles cujas vidas estão destruídas. Precisa despertar nos homens e mulheres um senso da sua necessidade do toque curador de Jesus. «A última mensagem de graça a ser dada ao mundo, é uma revelação do carácter do amor divino.»—*Parábolas de Jesus*, p. 415.

Uma vida cristã cheia de amor e abnegado serviço é o bem mais precioso e necessário à igreja. As pessoas não-de ser atraídas para Jesus quando virem o amor de Jesus reflectido na vida dos Seus seguidores. «Nossa influência sobre outros não depende tanto do que dizemos, como do que somos. Os homens podem combater ou desafiar a nossa lógica, podem resistir aos nossos apelos; mas a vida de amor desinteressado é um argumento que não pode ser contradito. A vida coerente, caracterizada pela mansidão de Cristo, é uma força no mundo.»—*O Desejado de Todas as Nações*, p. 100.

A ausência deste espírito em nós leva o povo a exclamar: «Gostamos de Cristo, mas não dos cristãos.» Nossas vidas cheias de contradições e hipocrisia não os impressionam. Reconhecendo o poder magnético do amor de Cristo,

AMOR É DAR

E. C. WARD

Amor é dar e o nosso pequeno mundo é um compêndio do amor de Deus pelo universo.

Um rapazinho estava um dia com o pai numa colina donde se avistava a Ponte Golden Gate, na Baía de S. Francisco. Ao norte via-se o Monte Tamalpais e a cordilheira de montanhas que o circundam. Olhando para leste avistavam a Baía e as pequenas cidades que a ladeavam. Para o sul estendia-se o campo cheio de casario e estra-

das. Ao observarem o panorama, o pai disse: «Filho, o amor de Deus é tão grande como isto.» O rapaz olhou em todas as direcções durante um momento e a seguir respondeu: «Então nós estamos exactamente no meio dele.»

Sim, nós estamos exactamente no meio do amor de Deus, um amor que é dar, um amor que

Deus tem dado a toda a criação desde os dias da eternidade.

Amor, é dar e o nosso pequeno mundo é um compêndio do amor de Deus pelo universo. «A glória que resplandece na face de Jesus Cristo é a glória do abnegado amor. A luz do Calvário se patenteará que a lei do amor que renuncia é a lei da vida para a Terra e o Céu: que o amor que 'não busca os seus interesses' tem a sua fonte no coração de Deus.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 13.

O maior exemplo de um amor que dá é o amor manifestado no carácter manso e humilde do Salvador. Estamos no meio desse amor

Mahatma Gandhi, observou: «Se os cristãos vivessem a vida de Cristo toda a Índia responderia favoravelmente ao cristianismo.»

Se os membros de igreja fossem cheios do amor de Jesus, o testemunho das nossas organizações e instituições seria grandemente aumentado e intensificado graças à sua influência pessoal. Eles cumpririam a predição da serva do Senhor: «Viam-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de verdadeira conversação.» — *Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 345.

A história da igreja cristã primitiva sublinha a eficácia do envolvimento pessoal. «A igreja cristã primitiva foi abençoada com alguns grandes pregadores, mas o facto de o cristianismo ter irrompido sobre o duro mundo romano como fogo de pradaria não foi tanto devido aos grandes pregadores como ao testemunho pessoal de homens e mulheres comuns que foram e contaram aos seus amigos a extraordinária diferença que o facto de conhecerem a Jesus fizera nas suas vidas.» — Clovis G. Chappell, *When the Church was Young*.

É dever de todo o ministro colocar sobre seus membros a responsabilidade de testemunharem de Cristo. «Fervorosa e incansavelmente busca inspirar os crentes com o desejo de salvar almas para

Cristo, lembrando-se de que cada acréscimo à igreja representa mais um instrumento para dar a conhecer o plano da redenção.» — *Actos dos Apóstolos*, pp. 207, 208.

Quando não se usam as faculdades recebidas pelo Espírito, estes poderes perdem a sua vitalidade.

Amar enriquece a cada pessoa

Entre as milhares de correntes filosóficas orientais não cristãs, nos cultos pagãos e demoníacos, tal como neo-espiritualismo dos intelectuais, pode discernir-se o grande plano de Satanás: negar o amor de Deus. Como J. B. Phillips observou, «os cristãos têm de reencontrar a todo o custo e em grande medida esta certeza fundamental de que Deus é amor. A não ser que o façam, que o sintam, que o saibam por experiência e que o demonstrem, e que o vivam, é pouco provável que o mundo à nossa volta, preocupado por aparentes contradições, por todos os males e calamidades desta vida mortal, consiga apreender o facto fundamental de toda a criação.» — *Making Men Whole*, pp. 45, 46.

Uma vida motivada pelo amor e abnegação não se obtém naturalmente. Tem de ser mantida, alimentada. O coração carnal luta pela supremacia. Toda a tendência para a condescendência do eu tem de ser reprimida, cada esforço em vista à preservação própria, re-

freado. O diabo não larga de boa vontade o domínio de uma vida em favor do reino de Deus. «O amor não pode viver sem acção e cada acto o aumenta, fortalece e expande. ... O amor não trabalha por proveito ou recompensa; todavia Deus ordenou que grande ganho será o resultado certo de cada labor do amor.» — *Testimonies*, vol. 2, p. 135.

Aqueles que ministram fielmente às necessidades dos seus vizinhos, que tomam cada oportunidade para demonstrar o amor de Deus em abnegado e humilde serviço, continuarão a receber abundantemente as bênçãos do Céu. Suas vidas serão enriquecidas e suas faculdades espirituais revitalizadas.

Perguntas para discussão

1. Quanto custou a Deus o amor?
2. Qual é o maior argumento em favor do cristianismo?
3. Qual é o propósito de Satanás ao procurar negar o amor de Deus?
4. O que deve motivar-nos no nosso trabalho para Deus?
5. Como pode alguém cultivar e alimentar um espírito de amor?
6. Que condições na igreja levam a projectar uma imagem secular e materialista no mundo?
7. Quais são alguns factores que silenciam o testemunho que a igreja deve dar ao mundo?

e assim temos estado desde os dias da eternidade.

Amor é dar Tempo

Um rapazinho perguntou à mãe de qual dos personagens de «O Peregrino» ela gostava mais. A mãe respondeu: «Do Cristão, claro; aliás ele é o herói da história.»

O filho disse: «Eu não, mãe. Eu gosto mais da Cristã, porque quando o Cristão empreendeu a sua peregrinação, ele foi sozinho, mas quando a Cristã partiu levou os filhos com ela.»

Ellen White diz: «Ele [Deus] cooperará com os pais que cuidadosamente e com oração educarem os filhos, promovendo a salvação deles e a sua própria, e operará neles o querer e o efectuar segundo o Seu beneplácito.» — *O Lar Adventista*, p. 207.

«Dediquem os pais as noites às suas famílias. Ponham de lado os cuidados e perplexidades com os trabalhos do dia.» — *Ibid.*, p. 192.

«Façam os pais e mães solene promessa a Deus, a quem professam amar e obedecer, de que por Sua graça não se desviarão entre si, mas que em sua própria vida e temperamento manifestarão o espírito que desejam que os filhos acariciem.» — *Ibid.*, p. 178.

«O esforço humano sozinho não resultará em benefício a vossos filhos na consecução de um carácter perfeito para o Céu; mas com o divino auxílio uma grande e santa obra poderá ser realizada.

«Quando, como pais, assumis vosso dever na força de Deus, com a firme determinação de jamais relaxar vossos esforços nem desertar vosso posto de dever em procurar que vossos filhos sejam o que Deus quer que sejam, então Deus olha para vós com aprovação. Ele sabe que estais fazendo o melhor que podeis e acrescentará vosso poder. Ele mesmo fará a parte de trabalho que a mãe e o pai não podem fazer, e trabalhará com os esforços sábios, pacientes e bem dirigidos da mãe temente.» — *Ibid.*, p. 207.

Os pais «devem apegar-se intimamente com seus filhos e com Deus. Se os pais trabalharem com paciência e amor, esforçando-se ferrosamente por ajudar os filhos a alcançar a mais alta norma de pureza e modéstia, terão êxito.» — *Ibid.*, p. 208.

Amar é tomar tempo para nossos filhos e famílias a fim de que os possamos ajudar na jornada que juntos fazemos em direcção ao reino celestial.

Amor é manifestar bondade

Tendo tomado o comboio para uma cidade onde devia chegar, o

Dr. Courtland Myers pensou aproveitar a viagem para preparar a sua mensagem. Abriu os livros e começou a estudar. Mas pouco tempo depois entrou uma senhora com quatro crianças visivelmente pouco limpas, que se sentaram junto dele. Em breve um dos rapazes trepou para o assento do Dr. Myers e sem querer pôs os dedos sujos no colarinho branco da sua camisa. O senhor foi tentado a pôr o rapazinho na ordem, mas em vez disso, deixando de lado a preparação do seu sermão, passou o resto da viagem a contar histórias aos miúdos.

Um homem, que ia a sair do comboio, veio ter com o Dr. Myers. Com lágrimas nos olhos agradeceu-lhe pela sua bondade para com aquelas crianças. Disse às pessoas que iam naquela carruagem e tinham observado a cena: «Eis verdadeiro cristianismo!»

«Não compreendo», disse o Dr. Myers. Foi-lhe então explicado que a senhora idosa era avó das crianças. A mãe tinha morrido e estava num caixão no vagão desse mesmo comboio.

Ellen White diz: «Em cada departamento da causa de Deus há necessidade de homens e mulheres que manifestem simpatia pelas dores da humanidade, mas tal simpatia é rara.» — *Review and Herald*, 6 de Maio de 1890. «Necessitamos mais da simpatia de Cristo; não somente simpatia por aqueles que nos parecem sem falta, mas pelas pobres almas sofredoras e em luta, caindo muitas vezes em falta, pecando e arrependendo-se, tentadas e desanimadas. Devemo-nos dirigir a nossos semelhantes, tocados, como nosso misericordioso Sumo Sacerdote, com o sentimento de suas enfermidades.» — *Obreiros Evangélicos*, p. 141.

Um homem ia de carro com a esposa. Viajavam devagar porque a estrada era muito perigosa. Num sítio estreito a mulher ficou muito assustada e agarrou o volante. O marido, mansamente, largou-o e deixou-a conduzir. Mas ela ficou ainda mais assustada e disse: «Por favor, não largues o volante.» Então ele respondeu: «Duas pessoas não podem guiar um carro: ou guio eu ou guias tu!» Ela deu-lhe então o volante e ele conduziu em segurança até passar o perigo.

De modo semelhante, amor é dar a Deus o controlo das nossas vidas e vontades. Se desejamos que Deus domine sobre nós temos de Lhe dar tudo em Suas mãos e deixar que Ele faça as coisas por nós. Ao viajarmos pelos mais perigosos lugares da nossa vida, ou Cristo é o nosso Senhor e Rei, ou então o nosso ego é quem domina. Permitamos a Cristo que tome imediatamente controlo e que «por baixo sejam os braços eternos» (Deut. 33:27).

Um pastor sentou-se junto da janela do seu escritório observando os membros que vinham chegando. Era um sábado de manhã. As pessoas sorriam, os filhos seguravam as mãos dos pais e parecia que tudo expressava a alegria a que se referia o salmista quando disse: «Este é o dia que fez o Senhor: regozijemo-nos e alegremo-nos nele» (Sal. 118:24).

Então o pastor começou a pensar nas vidas daquelas pessoas. Ali, por exemplo, estava um homem cujo negócio estava à beira da falência. Além um casal que acabava de perder o seu filho mais velho. Ali ia uma jovem cuja mãe estava desesperadamente doente. Mais além, uma família completa, mas que tinha um filho de 16 anos com um carácter bastante difícil e que tinha fugido de casa. Adiante, arrumando o carro, ele via uma família que estava na eminência de perder a sua casa. De Bíblia e Trimensário na mão ali ia uma mulher sozinha: Seu filho fora condenado, havia pouco, a três anos de pena suspensa por furto de automóvel; o marido ficara de cama em casa. Havia uma família sem trabalho e quase afogada em dívidas. Havia um jovem casal com um filho no hospital. Havia um homem cujo estado de saúde era bastante grave e preocupante.

E ao observá-los, o pastor compreendeu que quase todas as pessoas tinham de arrostar com um problema ou um fardo no coração. Difícilmente haveria alguém cuja vida não estivesse tocada pela tristeza, pela ansiedade ou pela dor. Vinham à Igreja nessa manhã de Sábado para exprimirem a sua devoção pessoal a Deus. Cantariam: «Oh, Deus de amor, vimos nós Te adorar.» E quando cantassem: «Ele nunca me esquece, eu sei», saberiam mesmo o que isso significava.

O amor é um sentimento de gratidão que brota do coração em resposta à bondade de Deus. Este amor consegue entrever a luz por entre as trevas e é capaz de cantar à meia-noite e sob as circunstâncias mais difíceis (Ver Act. 16:25). «Está em vós fazer muito para iluminar a existência dos outros, para lhes fortalecer os esforços, mediante palavras de esperança e de santa alegria.» — *Aos Pés de Cristo*, p. 117.

Miss Murphy era professora em Northampton, no Massachusetts. Um dia ajudava os seus alunos a recitarem o Salmo 23. Reparou que um rapazinho não o estava a recitar correctamente e na vez seguinte em que a classe disse novamente esse Salmo, ela pôs-se junto dele. Viu então que quando chegava ao versículo 6, que dizia: «Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida», o rapazinho pronunciava assim: «Certamente

que a bondade de Miss Murphy me seguirá todos os dias da minha vida.»

O que faltava em exactidão à recitação do Salmo, não se afastava, todavia, de uma verdade aprendida pela criança. E o que é verdade acerca das Misses Múphies — professoras — que passam a vida a ensinar nossos filhos, deveria ainda ser mais verdade em relação aos pais e guardiões espirituais, a quem Deus confiou a responsabilidade de educar as crianças. Não constitui segredo algum que quando se procura ajudar pessoas emocionalmente desajustadas e perturbadas, tanto conselheiros profissionais, como os próprios pais, descobrem muitas vezes que as cicatrizes de um lar desequilibrado pode segui-las durante todos os dias da sua vida.

Amor é viver uma vida exemplar

Na minha qualidade de pai, como vai a minha vida devocional? Vê-me a minha família a estudar fielmente a lição da Escola Sabatina, a ler a Devolução Matinal, a assistir regularmente à reunião de oração e ao culto divino, a assistir às reuniões de reavivamento e da Semana de Oração? Como começo eu o Sábado em minha casa? Faço regularmente o culto quando o Sol se põe, ou certas coisas que deviam ter sido feitas como preparação para o Sábado, estou eu ainda a fazê-las sexta-feira à tarde ou Sábado de manhã? Leio eu o meu correio profissional no Sábado, ou deixo-o esperar juntamente com as revistas e jornais até depois do Sol se pôr? Dou eu à rádio e televisão um «repouso» no Sábado?

Quando viajo, qual é o meu testemunho no que respeita à temperança? Bebo eu aquela chávena de café, ou aquela cocacola, e como quaisquer carnes que me apresentam acalmando a consciência com a má aplicação do texto bíblico que diz: «Se algum dos infieis vos convidar, e quiserdes ir, comei de tudo o que se puser diante de vós, sem nada perguntar, por causa da consciência?» (1 Cor. 10:27). E, quando me acontece ter de per-

noitar num hotel ou pensão longe dos meus, aproveitarei eu para ler certas revistas e livros, nos quais não gostaria que a minha família ou os membros de igreja me soubessem interessado?

Amor é viver uma vida exemplar, porque, tal como os apóstolos, «nós somos feitos espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens» (cap. 4:9).

No Kansas ocidental a época das colheitas é a mais importante do ano. As cidades ficam quase desertas e todos os fazendeiros vão ceifar o trigo. Ali, nos campos batidos pelo sol, a azáfama é constante. Os movimentos das grandes máquinas debulhadoras sucedem-se ininterruptamente. Porém, por maior que seja a urgência e a importância deste trabalho, isso nunca os faz esquecer a manutenção da maquinaria e assim, três ou mais vezes por dia, tudo pára para se poder proceder à lubrificação da maquinaria. Se se negligenciasse uma só lubrificação que fosse, haveria problemas na grande ceifeira-debulhadora: as correias poderiam reventar, as peças gripar e com tudo isso aumentariam as despesas de reparação. Apesar de toda a azáfama, parar para proceder a pequenos trabalhos de manutenção não é tempo perdido.

Estamos agora a viver no tempo da ceifa. O tempo passado em preparação individual para a vinda do nosso amado Senhor em regulares hábitos de oração, estudo da Bíblia, devoção e testemunho individual por Cristo nunca é tempo perdido. As mensagens dos três anjos de Apocalipse 14 estão a ser rapidamente levadas a toda a nação, tribo, língua e povo através da pena e imprensa, através da pregação e testemunho, através da obra médica e de assistência social, através da rádio e televisão. Mas corremos o risco de destruição e perda eternas se não nos prepararmos a nós e aos outros para a breve volta de Cristo.

Ellen White diz: «Vi que Satanás mandou seus anjos armarem ciladas especialmente contra aqueles que estavam esperando o segundo aparecimento de Cristo e guardando todos os mandamentos de Deus. Satanás disse aos seus anjos que as igrejas estavam dormindo. Ele aumentaria seu poder

e prodígios de mentira, e assim as poderia reter. 'Mas', disse ele, 'odiamos a seita dos observadores do Sábado; eles estão continuamente trabalhando contra nós e tirando-nos os súbditos, para guardar a odiada lei de Deus. Ide e fazei com que os possuidores de terras e dinheiro se encham de cuidados. Se puderdes fazê-los colocar as afeições nessas coisas, ainda os reteremos. Poderão professar o que quiserem, tão-somente fazei-os cuidar mais do dinheiro do que do êxito do reino de Cristo ou da disseminação das verdades que odiamos'.» — *Primeiros Escritos*, p. 266.

O amor deve dar prioridade à preparação pessoal, para a breve volta de nosso Senhor. «E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitámos a fé. A noite é passada e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, vistamo-nos das armas da luz» (Rom. 13:11, 12).

Perguntas para discussão

1. De que três maneiras posso eu demonstrar no meu lar e na minha associação com os outros que acredito que amor é antes dar do que receber?

2. Que devo fazer se o meu marido/mulher/filhos/família não parecerem muito interessados em responder favoravelmente ao meu amor que os procura ajudar a alcançarem o Céu?

3. Quando a minha bondade, compreensão ou simpatia são interpretadas como fraqueza ou ingenuidade, tenho razão em defender os meus «direitos»?

4. Como pode alguém dar um bom exemplo sem exibir uma atitude de «sou mais santo do que tu» ou sem dar a aparência de buscar a salvação pelas «boas obras»? Porque não posso eu ser simplesmente eu? Não será isso um bom exemplo?

5. Como pode alguém preparar-se para a segunda vinda de Cristo sem se tornar fanático? Como saber se se está ou não preparado para a vinda de Jesus?

SÁBADO, 4 DE NOVEMBRO

**Oferta especial de fim de ano
no encerramento da Semana de Oração
e Sacrifício**

O AMOR PENSA

ETHEL YOUNG

O cristão tem de aprender a controlar os seus pensamentos.

Uma pessoa é o que pensa.

O amor nunca se demora em algo imoral. O amor é incapaz de causar dano, dor, tristeza, ofensa ou revés.

Aquele que possui em seu coração um amor semelhante ao de Cristo controla cuidadosamente todos os seus pensamentos. A equação é simples: pensamentos maus produzem uma pessoa má; pensamentos de amor produzem um candidato para o Céu. A pessoa que aspira à perfeição tem de treinar o seu pensamento.

No Éden, Deus Pai encontrava-se face a face com Adão e Eva e era Ele quem os ensinava. O amor de Deus era a base do ensino do Éden. A escola do Éden deve servir de modelo através dos séculos (Ver *Educação*, p. 20).

Adão e Eva amavam ao Senhor de todo o coração, alma e entendimento. Cada um dos seus pensamentos era exercitado para o bem de todo o seu ser. Porém, quando pecaram, perturbaram este relacionamento. Somente através de um processo educativo que permita o desenvolvimento harmonioso das suas faculdades físicas, mentais e espirituais poderá este relacionamento ser restaurado. A verdadeira educação promove o desenvolvimento do corpo, mente e alma de forma a que o propósito da criação da família humana seja realizado. Tal é a obra da redenção e o objectivo da educação (Ver *Educação*, pp. 13-16).

Esta obra de tão vital importância pode resumir-se em três palavras: **RENOVAÇÃO — RESTAURAÇÃO — REDENÇÃO.**

O «R» de Renovação

«Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus» (Rom. 12:2).

Escreveu E. G. White: «Quando a mãe ensina os filhos a obedecerem-lhe porque a amam, está ensinando as primeiras lições na vida cristã. O amor da mãe representa para a criança o amor de Jesus, e os pequenos que confiam na sua mãe e lhe obedecem, estão aprendendo a confiar no Salvador e obedecer-Lhe.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 384. A educação que é dada aos filhos nos seus primeiros anos é extremamente importante. Qualquer traço de carácter que não seja ensinado a uma criança antes dos três anos será muito mais difícil ensinar-lho depois dessa idade (Ver *Orientação da Criança*, p. 194).

Ellen White diz também: «Permiti que o egoísmo, a cólera e a voluntariedade sigam sua direcção nos primeiros três anos da vida de uma criança, e difícil será levá-la a submeter-se à sã disciplina. Sua disposição tornou-se azeda; ela se deleita em seguir sua própria vontade; desagradável é o domínio paterno. Essas más tendências desenvolvem-se à medida que ela cresce, até que, na varonilidade, o supremo egoísmo e a falta de controlo sobre si mesma a coloca à mercê dos males que andam desenfreados em nossa terra.» — *Temperança*, p. 177.

Se uma pessoa adulta acostumada a cultivar maus pensamentos deseja começar a ter bons pensamentos, a sua mente tem de passar por uma renovação. Pensai quanta dor, perturbação, ofensa e miséria são infligidos a inocentes sofredores por pessoas cujas mentes não são renovadas e cujos maus pensamentos não são submetidos e controlados! A causa tem de buscar-se numa má educação recebida na infância.

Restaurar significa trazer a uma condição anterior através da regeneração ou reforma.

A renovação espiritual inclui rejeitar os velhos e inúteis pensamentos e substituí-los por pensamentos cristãos. Ver programas televisivos imorais, ler livros que dão uma ideia distorcida da vida cristã, ouvir discos que glorificam mais ao diabo do que a Deus, não são de modo algum coisas que restaurem a mente. Apenas na medida em que as nossas vontades são guiadas pelo Espírito Santo podem os nossos pensamentos ser puros, bondosos e verdadeiros.

«A nossa obra é reformatória; e é designio de Deus que, mediante a excelência da obra feita em nossas instituições de ensino, seja chamada a atenção do povo para o grande e derradeiro esforço para salvar os que estão a perecer.» — *Testemunhos Selectos*, vol. II, p. 409.

Se o homem deseja renovar a sua mente, o processo de restauração tem de ser iniciado no lar e continuado na escola. Não é qualquer escola que serve. «Satanás tem empregado os métodos mais engenhosos para entretecer seus planos e princípios nos sistemas de educação, obtendo assim forte domínio na mente de crianças e jovens. A obra do verdadeiro educador é impedir-lhe os ardis. Achamo-nos sob solene e sagrado convênio com Deus para criar nossos filhos para Ele e não para o mundo; para ensinar-lhes que não dêem a mão ao mundo, mas amem e temam a Deus, e Lhe observem os mandamentos.» — *Ibid.*, pp. 409 e 410.

O Segundo «R» é Restauração

Ellen White claramente declara o objectivo da educação adventista: «Restaurar no homem a imagem do seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudessem realizar o propósito divino da sua criação — tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objectivo da educação, o grande objectivo da vida.» — *Educação*, p. 17.

Um dos mais difíceis aspectos de restaurar o homem à imagem do Seu Criador relaciona-se com o treino da sua mente. «Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir. ... É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros reflectores do pensamento de outrém. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na Natureza e na revelação. Que contemplem os grandes factos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á, fortalecer-se-á. Em vez de pusilânimes educados, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplitude de espírito, clareza de pensamento e coragem nas suas convicções.

«Uma educação assim provê mais do que disciplina mental; provê mais do que adestramento físico. Fortalece o carácter de modo que a verdade e a rectidão não são sacrificados ao desejo egoísta ou ambição mundana. Fortifica a mente contra o mal.» — *Ibid.*, pp. 17 e 18.

«A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descorçoar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume.» — *Ibid.*, p. 230.

Se os pais e professores desejam educar seus filhos para serem «pensantes e não meros reflectores do pensamento de outrém», têm de proporcionar-lhes oportunidades para que tomem decisões. Devem ensinar-lhes as técnicas que

o pensamento envolve. Em primeiro lugar a criança tem de aprender a reconhecer que existe um problema e que há uma decisão que tem de ser tomada em relação a esse problema. Em segundo lugar, antes de tomar a decisão, a criança deve aprender a avaliar em termos de certo e errado qualquer eventual posição que possa vir a tomar. Em terceiro lugar, ela deve ver quais as diferentes posições ou soluções que podem ser tomadas e avaliar os prós e os contras de cada uma delas. Finalmente, é o momento de tomar a decisão e a criança deve saber tomá-la.

Assim treinadas, as crianças e os jovens serão capazes de ficar firmes aos princípios em tempos de crise, tal como Martinho Lutero permaneceu firme perante o imperador e declarou: «Visto que vossa sereníssima majestade e vossas nobres altezas exigem de mim resposta clara, simples e precisa, dar-vo-la-ei, e é esta: Não posso submeter a minha fé quer ao papa quer aos concílios, porque é claro como o dia que eles têm frequentemente errado e contradito um ao outro. Portanto, se eu não for convencido pelo testemunho das Escrituras ou pelo mais claro raciocínio; se eu não for persuadido por meio das passagens que citei; se não submeterem assim a minha consciência pela Palavra de Deus, não posso retratar-me e não me retratarei, pois é perigoso a um cristão falar contra a consciência. Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa; que Deus me ajude. Amén.» — *O Conflito dos Séculos*, pp. 116, 117.

O Terceiro «R» é Redenção

A redenção envolve o processo de voltar a comprar, recuperar, libertar, resgatar, livrar do pecado e seu castigo. Ellen White escreveu: «No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma; pois, na educação, como na redenção, 'ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo'.» — *Educação*, p. 30.

«Pelo pecado o homem ficou separado de Deus. Não fosse o plano da redenção, a eterna separação de Deus e as trevas de uma noite infinda seriam a sua sorte. Mediante o sacrifício do Salvador possibilitou-se nova comunhão com Deus... O pecado não somente nos excluiu de Deus, mas também destrói na alma humana tanto o desejo como a capacidade de O conhecer. É missão de Cristo desfazer toda esta obra do mal.» — *Ibid.*, pp. 28, 29.

Foi o amor que levou Jesus a vir a este mundo para redimir o

homem. É o amor que inspira os pais e professores a educarem os jovens da maneira que se aproxime o mais possível do padrão original. Diz E. G. White: «Sob condições mudadas, a verdadeira educação ainda se conforma com o plano do Criador, o plano da escola edénica. ... Os grandes princípios da educação são imutáveis. 'Permanecem firmes para sempre' (Sal. 111:8), visto que são os princípios do carácter de Deus.» — *Ibid.*, p. 30.

Portanto, é possível para nós amarmos a Deus tão completamente, tão perfeitamente, que os nossos pensamentos reflitam o Seu (ver 2 Cor. 1:3-6). O princípio do amor pode tornar-se um poder nas nossas vidas ajudando-nos a tomar as decisões certas. Podemos formar uma tal união com Cristo que tenhamos poder e forças para obedecer a Deus. A promessa é: «E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos e guardéis os meus juízos e os observeis» (Ezeq. 36:26, 27).

O objectivo dos lares, das igrejas e das escolas adventistas é precisamente ensinar os três «R» do Céu: renovação, restauração e redenção. O pai, o pastor ou o professor que aceita este repto, é um co-obreiro com Cristo moldando mentes para o reino de Deus.

Perguntas para discussão

1. Qual é o significado deste versículo: «Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida» (Prov. 4:23)?

2. Como pode alguém levar «ativo todo o entendimento à obediência de Cristo» (2 Cor. 10:5)?

3. Medite sobre a seguinte frase de Ellen White: «É na escola do lar que nossos meninos e meninas se preparam para frequentar a escola da igreja.» — *O Lar Adventista*, p. 185.

4. Em que sentido podem as crianças sofrer se forem enviadas à escola demasiado cedo? (Ver *Orientação da Criança*, p. 302).

5. Como é possível a obra de redenção e de educação serem apenas uma e não se poderem desassociar uma da outra?

6. Que influências são susceptíveis de afectar o nosso pensamento?

7. Que queria dizer Paulo quando escreveu: «Quando eu era menino ...discorria como menino» (1 Cor. 13:11)?

O AMOR TUDO SUPORTA

G. RALPH THOMPSON

Jesus veio mostrar-nos como é Deus.

Veio para provar uma vez por todas a natureza sofredora do amor.

«O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha: mas havendo profecias, serão aniquiladas» (1 Cor. 13:7, 8).

Podemos constatar por toda a parte evidências de que o nosso mundo está doente, ferido, destruído, agonizante. A desumanidade do homem para com o homem é o maior pecado do mundo. Quando se analisa a conjuntura actual sob o plano mundial, chega-se à conclusão de que há algo que está desesperadamente errado e que se vai de mal a pior.

Porque permite Deus, que é amor, que sofram as pessoas boas? Compreende-se que os culpados sofram as consequências dos seus pecados e faltas. Mas a questão que preocupa muitos crentes é esta: Porque têm de sofrer as pessoas inocentes? Porque é que um Deus de amor permite sofrimento, doença, dor, tristeza e todas as tragédias que assolam os seres humanos? Se Deus existe, porque não destrói Ele o diabo?

Como se originou o sofrimento?

Mas, interroguemo-nos: Onde vem o sofrimento? Como se originou? A resposta da Bíblia a estas perguntas é que foi o diabo quem originou o pecado, o que teve como resultado tristeza e sofrimento. Não é o Deus de amor o autor do pecado, sofrimento e morte. O diabo bem gostaria que as pessoas culpassem a Deus. Quando certas calamidades, como tremores de terra, incêndios, inundações e acidentes terríveis têm lugar, muitos sentem-se inclinados a dizer: «Bem, foi a vontade de Deus.» As vezes vai-se até ao ponto de pretender que estes acontecimentos são directamente provocados por Deus. Mas serão realmente estes

acontecimentos actos de Deus? Estará Deus empenhado em trazer enfermidade e morte às Suas criaturas? Serão isso coisas de Deus? A retumbante resposta a estas perguntas tem de ser: Não, mil vezes não! É o diabo, e não Deus, «que amou o mundo de tal maneira que deu» (João 3:16), quem é o autor de todos estes males que afligem a humanidade.

Lúcifer era antes um exaltado ser de majestade, beleza e atracção. Mas esse fenómeno misterioso chamado pecado nasceu no seu coração. Não o podemos justificar. Seria mesmo irrazoável dar uma explicação adequada para o pecado. Não há desculpa para o pecado no perfeito universo de Deus. Tendo ficado insatisfeito com a sua posição abaixo de Cristo, Lúcifer rebelou-se. Mas, porque não destruiu Deus a Satanás assim que ele começou a semear a discórdia entre os anjos? Se Deus o tivesse feito, parece-nos, o mundo tinha sido poupado a muita miséria, problemas, sofrimento e morte que se seguiram à entrada do pecado.

Gostaria de sugerir três razões porque Deus decidiu não destruir imediatamente o diabo. Primeira: A mentira de Satanás era tão atractiva e tão persuasiva que um terço da hoste angélica achou que ele tinha razão. Deus tinha, portanto, de dar tempo para se provar que as reivindicações de Satanás eram falsas.

Segunda: Se Deus tivesse destruído imediatamente o diabo, então o medo ter-se-ia constituído a base da lei e da ordem. As inteligências não caídas teriam visto nisso um acto de vingança de Deus e tê-lo-iam adorado pelo medo.

Terceira: Deus só pode aceitar a adoração que brota de um coração cheio de amor. O diabo podia mentir, desfigurar sem escrúpulos o carácter de Deus, mas Deus é

verdade e honestidade. Ele tinha de dar tempo ao tempo para provar às inteligências dos outros mundos que Satanás estava em erro. Um terço da hoste angélica, que creu na mentira de Satanás foram juntamente com ele expulsos do Céu. Em breve começaram a espalhar a semente do pecado neste mundo, sendo Adão e Eva as primeiras vítimas. Vemos portanto que é Satanás e não Deus — Deus é amor — quem deve ser acusado de todas as desgraças que assolam o mundo. Quando nos sobrevêm duras provações na vida e temos de lutar com problemas, miséria e angústia, não fiquemos, porém, desanimados. Olhemos para além da negra nuvem do desânimo e haveremos de ver o fulgente brilho da esperança, a certeza de que um dia Deus há-de destruir o autor do mal. Eis porque o cristão, a despeito de todas as suas atribuições, se pode permitir ser optimista. Podemos não saber o que nos reserva o futuro, mas sabemos, graças a Deus, quem dirige o futuro. Como diz Ellen White, «Deus nunca dirige Seus filhos de maneira diversa daquela por que eles próprios haveriam de preferir ser guiados, se pudessem ver o fim desde o princípio, e perscrutar a glória do desígnio que estão realizando como colaboradores Seus.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 162.

Romanos 8:28 não nos diz que todas as coisas são boas, mas sim que todas as coisas concorrem juntamente para o bem dos que amam a Deus. Deus é o «Divino Alquimista» que pode fazer com que saia bem do mal. Pode transformar as ruinosas circunstâncias da vida em meios de graça. Pode mudar ignominiosas derrotas em gloriosas vitórias. Deus pode tomar os mais escuros lugares das nossas vidas e transformá-los em lugar sacrossanto. Ele é Aquele que muda a ira dos homens em cânticos de louvor.

Nunca nos devemos esquecer que Deus se preocupa connosco. Nada que o diabo nos faça nos deve levar jamais a duvidar do amor de Deus. Jesus Cristo veio para demonstrar à família humana, a vós e a mim, que Deus ama a cada

um de nós. Se fôsseis a única pessoa na terra que necessitasse da salvação de Deus, Jesus Cristo teria vindo e morrido por vós. Que o pensamento do amor de Deus seja a pedra fundamental sobre a qual construíamos o edifício da nossa fé. Mesmo quando o diabo faz o pior, Deus é ainda o Senhor da situação.

Nossa atitude para com os nossos semelhantes

O amor de Deus levar-nos-á a ter amor pelos outros. Amaremos os homens e as mulheres, não pelo que possamos obter deles, mas pelo que podemos partilhar com eles. Por causa do nosso amor a Deus, as almas dos outros serão preciosas à nossa vista. Nós haveremos de procurá-los para partilhar com eles o amor a Deus.

O mundo está morrendo por um pouquinho de amor, de verdadeiro amor cristão. Ainda que haja ódio, preconceito e desumanidade por toda a parte, o povo de Deus há-de ultrapassar estas barreiras e há-de ajudar a plantar a semente do amor a Deus nos corações dos homens e mulheres em todos os lugares. Por isto reconhecerão que somos cristãos e que Deus é um Deus de amor.

Se vós e eu vamos conseguir entrar no Reino de Deus, temos de perseverar até ao fim. O amor tudo sofre. E a fidelidade a Deus requer tal perseverança. Quando fomos tentados a desistir, não desistiremos. O nosso amor a Deus levar-nos-á a tudo suportar. Veremos nos homens e mulheres, não as ruínas quebradas e emaciadas que o diabo fez deles, mas a bela simetria do seu reflexo do Senhor Jesus Cristo — aquilo em que, pela Sua graça, eles se podem tornar. Continuaremos a amá-los mesmo que nos rejeitem e causem sofrimento.

O exemplo de Job pode ajudar-nos a compreender mais profundamente tanto o problema do sofrimento como a realidade do amor de Deus. Estamos familiarizados com as circunstâncias por que Job passou. Job era um homem com riqueza, prestígio e honra. De repente, devido a uma série de devastadores reveses, todos causados por Satanás, tais como perder os bens e os filhos, Job ficou pobre. A seguir o diabo tocou o seu corpo com a enfermidade. Sua própria mulher, que até então se mantivera fielmente a seu lado, não pôde aguentar mais. Um dia, olhando para o definhado corpo do marido, disse-lhe, cheia de pena e desgosto: «Job, porque não amaldiçoas a Deus e morres?» Para algumas pessoas isto teria sido o limite da tolerância. Não para Job. Ele es-

tava aprendendo na escola do sofrimento.

O amor tudo suporta. O mesmo Deus que lhe dera riqueza e saúde podia também, se quisesse, dar-lhe a cura e restauração. Job não pecaria levemente com a sua boca, porque amava a Deus. Apegar-se-ia antes ao amor de Deus quando tudo o mais falhasse. E finalmente o amor venceu. O último estado de Job foi melhor do que o primeiro.

O que é que tem ajudado tantas pessoas em momentos difíceis, amargos reveses, graves enfermidades e repentinas calamidades a passar por essas provações vitoriosamente? É o amor de Deus! O amor permanece quando os acontecimentos são difíceis de compreender; quando é necessário fé implícita e total, o amor tudo suporta. Nem sempre é um caminho fácil. É um caminho de fé total, de amor a Deus.

Como podemos cultivar o amor que tudo suporta?

O maior exemplo do amor que tudo suporta é o amor demonstrado por Jesus Cristo. Uma das razões porque Jesus veio foi precisamente para mostrar-nos que Deus é amor e que o sofrimento, doença, miséria e morte são os resultados da obra de Satanás. No Jardim do Getsemani, quando Jesus enfrentou a terrível agonia da cruz com o peso dos pecados do mundo, Ele clamou a Deus: «Meu Pai, se é possível, passe de mim este calix» (Mat. 26:39). Jesus não tinha que morrer. Não havia pecado n'Ele. Não era obrigado a passar pela humilhação, agonia e indescritível trauma da crucifixão. Era possível que o cálix passasse. Com uma só palavra Ele poderia ter fulminado Seus acusadores.

Mas Jesus veio para provar uma vez por todas que o amor tudo suporta e que embora o homem se tenha afastado de Deus a ponto de a imagem de Deus quase ter desaparecido dele, o Seu amor pelo homem nunca cessou. Desde o primeiro dia em que o homem pecou, através de todos os seus extravios longe de Deus e nas profundezas da sua degradação, Deus tem estado dizendo-lhe: «Ainda te amo.» E Jesus veio para o demonstrar!

Por isso Jesus subiu ao Calvário, abatido e ferido, com uma coroa de espinhos sobre a cabeça. Homens cruéis dilaceraram a Sua carne tremendo com ásperos pregos. A multidão junto à cruz clamava pelo Seu sangue. Troçavam d'Ele, riam-se da Sua pretensão de ser o Messias. Naquele momento, quando a crueldade do homem atingira o seu mais elevado ponto, Jesus clamou: «Pai, perdoa-lhes,

porque não sabem o que fazem» (Luc. 23:34). Porque orou Jesus assim em tais circunstâncias? Porque o Seu amor por nós tudo suportava.

É este exemplo do ímpar amor de Deus que faz com que vós e eu ponhamos a nossa confiança em Deus. Nós acreditamos que se Lhe confiarmos todas as coisas Ele fará com que tudo saia bem. Foi este exemplo do Senhor Jesus que fez com que os primeiros discípulos suportassem toda a espécie de privações. Podiam ser lançados aos leões, queimados em postes, afogados em rios, podiam sofrer toda a espécie de indescritíveis horrores porque amavam a Seu Senhor — e o amor tudo suporta!

Ao enfrentarmos as aflições e provações de hoje, não desanimemos. O desânimo é a arma principal que o diabo tantas vezes e com tanto êxito usa contra o povo de Deus. Ele segreda aos nossos ouvidos que as provações e aflições que nos sobrevêm são prova de que Deus já não nos ama. Porque fomos passados por alto numa promoção, porque não fomos eleitos para um determinado cargo, ou porque os membros da igreja não nos demonstraram apreço mencionando o nosso nome juntamente com os nomes dos que contribuíram para o êxito de determinado programa, não deixemos que o desânimo tome alguma vez posse de nós e não duvidemos nunca do amor de Deus por nós. O Seu amor tudo suporta!

O desânimo é o anestésico que o diabo injecta nas nossas veias para poder apossar-se do nosso coração. Mas o diabo é um inimigo vencido. Jesus já o defrontou e venceu no Jardim do Getsemani antes de morrer triunfantemente na cruz. O grito de Jesus «Está consumado» foi na realidade um grito de vitória (ver *O Desejavo de Todas as Nações*, p. 565). Esse grito soou como a sentença de morte para o diabo. E nessa gloriosa manhã da ressurreição Jesus pôde erguer-Se e exclamar: «Eu sou o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre... E tenho as chaves da morte e da sepultura» (Apoc. 1:18).

Todo aquele que põe a sua confiança em Jesus há-de ser vencedor. Nunca o duvideis. Nunca desistais. Nunca acrediteis na mentira do diabo, mas achegai-vos a Deus e confiai n'Ele. Crêde na Sua Palavra e um destes gloriosos dias será nosso privilégio olhar para o alto e dizer: «Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos e Ele nos salvará. Este é o Senhor, a quem aguardávamos: na sua salvação gozaremos e nos alegraremos» (Isa. 25:9). Esse será o momento da vitória. A nossa fé dará lugar à realidade de O vermos face

O AMOR EM SUA PLENITUDE

A. C. BERGER

Ao concluir Paulo o seu capítulo sobre o amor, ele olha para o futuro, quando o Éden será restaurado.

Um Deus de amor criou um mundo perfeito, habitado por seres perfeitos. «Ao sair o homem das mãos do Criador era de elevada estatura e perfeita simetria. O rosto trazia a rubra coloração da saúde, e resplandia com a luz da vida e com alegria.»—*Patriarcas e Profetas*, pp. 28, 29.

Deus encheu este mundo perfeito de seres vivos, desde o enorme elefante à delicada borboleta, desde o minúsculo peixinho dourado à monstruosa baleia. Tudo na natureza, animado e inanimado, era perfeito. Quando os seres vivos foram trazidos a Adão, ele deu a todos um nome. Todos haviam sido criados macho e fêmea, «mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele» (Gén. 2:20).

No Seu grande amor e sabedoria, Deus decidiu fazer Adão participar na criação de uma companheira perfeita para ele. Assim, Deus fez com que caísse sobre Adão um sono profundo e de uma sua costela criou a Eva. Quando Adão a viu, disse: «Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne» (v. 23). «Serão ambos uma carne», declarou Deus (v. 24). A seguir, no sétimo dia, Deus terminou a Sua obra e descansou no dia de Sábado, e o santificou.

Era plano de Deus que Adão e Eva vivessem juntos em perfeita

harmonia e alegria. Cada dia recebiam nova manifestação do amor de Deus. Diariamente viam o seu Criador face a face e eram por Ele instruídos nos princípios da vida e nos mistérios do amor. Deus disse aos nossos primeiros pais que a sua permanente felicidade dependia da lealdade aos princípios de justiça. Referindo-se à universalidade destes princípios, diz Ellen White: «Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres criados depende da perfeita harmonia, com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação de Seu carácter. Ele não tem prazer na obediência forçada; e a todos concede vontade livre, para que Lhe possam prestar serviço voluntário. Enquanto todos os seres criados reconheceram a lealdade pelo amor, houve perfeita harmonia por todo o universo de Deus.»—*Ibid.*, p. 14.

Mas o homem falhou o teste da fidelidade. Porque Adão e Eva pecaram, tiveram de ser afastados do seu lar edênico. Dali em diante o seu quinhão seria o trabalho árduo, a tristeza e o sofrimento. Não mais poderiam manter comunhão aberta com seu Criador. E, finalmente, a morte haveria de pôr fim à sua existência.

Uma promessa maravilhosa

A princípio Adão e Eva procuraram desculpar o seu pecado. Depois, vendo a enormidade da sua transgressão, arrependeram-se com profundo pesar e Deus aceitou o seu arrependimento. Ao deixarem o Jardim levaram consigo uma promessa de redenção. O Criador disse-lhes que haveria de dar a Sua vida para os redimir. A família humana não ficaria eternamente separada da presença de Deus. Fora aberto um caminho para os trazer de volta às nascentes do amor.

Adão acreditou nas promessas de Deus. Uma vez e outra ele e seus filhos voltaram até à entrada do Jardim do Éden, trazendo as suas ofertas e renovando os seus votos de obediência. Embora os anjos barrassem a entrada do Jardim, a família de Adão tinha ainda o privilégio de contemplar o confiscado lar da inocência. Ao fazê-lo era-lhes repetidamente lembrada a maravilhosa promessa da restauração final.

A promessa da restauração final tem sido repetida através dos séculos. Deus falou aos Seus servos através dos patriarcas, profetas, reis e apóstolos. E no seu capítulo sobre o amor Paulo refere-se à restauração de todas as coisas, dizendo: «Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido» (1 Cor. 13:12). Esta promessa é especialmente preciosa para os que crêem. Deus prometeu que o homem será novamente capaz de ver o Seu Criador e então compreenderá perfeitamente.

a face e o sofrimento e a tristeza darão lugar à felicidade e alegria, porque o amor tudo terá conquistado.

Perguntas para discussão

1. Fez um Deus de amor um diabo mau? Porque não destruiu Deus a Lúcifer no instante em ele pecou?

2. Porque têm de sofrer as pessoas boas, que Deus ama? É o sofrimento sinal do desfavor de Deus?

3. Que lições podemos aprender da experiência de Job?

4. Qual é a relação entre tentação e pecado?

5. Porque é o amor tão importante ao enfrentarmos as dificuldades da vida?

6. Meditai na declaração: «Se desejais conhecer como é Deus, olhai a Jesus Cristo.»

7. De que modo se relaciona o amor e a capacidade de tudo suportar com a fidelidade a Deus?

8. Como interpretar Rom. 8:28?

9. A despeito das provações e reveses, como podem os cristãos ser otimistas?

O Redentor Prometido

Jesus Cristo ratificou esta promessa de salvação e restauração feita no Éden. Ele deixou o Seu lugar no Céu, tomou a natureza humana, experimentou as tristezas, tribulações e tentações que são o quinhão da humanidade, viveu uma vida sem pecado, morreu e ressuscitou para nossa justificação. Cristo veio para salvar a humanidade e também para reivindicar o caráter de Deus perante o universo.

Jesus decidiu nascer na família humana como uma criancinha, um bebê, numa manjedoura. Sabemos pouco acerca da Sua vida como menino em Nazaré, mas o que sabemos é encorajador. Era bom menino, obediente a seus pais, um filho de Deus, bondoso, delicado e bem relacionado com a Palavra de Deus. «Maravilhoso em sua significação é o breve relatório da primeira parte da Sua vida: 'E o menino crescia e fortalecia-se em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele'. A luz da presença de Seu Pai, crescia 'Jesus em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens'. ...

«Jesus é nosso exemplo. ... É, porém, na vida doméstica que Ele é o modelo de todas as crianças e jovens.»—*O Desejado de Todas as Nações*, pp. 47, 51.

Como jovem, Jesus vivia em comunhão com Seu Pai Celestial. Em Sua compaixão pelos Seus contemporâneos aliviava-lhes os sofrimentos e pesares, demonstrando assim que a verdadeira religião não consiste em egoísmo, mas em amor. Devido à Sua insistência nas palavras «Assim diz o Senhor» ou «Está escrito» muitas vezes se encontrou em conflito com a tradição humana. Nenhuma teoria humana era suficientemente boa para Ele. Toda a Sua vida era governada por uma implícita lealdade e um profundo sentimento de amor para com o Seu Divino Pai.

Jesus é o exemplo para cada jovem, rapaz ou menina. Viver como Ele viveu, agir como Ele agia, ter o pensamento e as palavras cheios da Sua Palavra, é o verdadeiro caminho para uma experiência cristã feliz.

Nosso Salvador encontrou dificuldades e conflitos. A raça humana afastou-se da Palavra de Deus e Jesus nunca poderia sancionar a mistura de exigências humanas com os preceitos divinos. Na Sua maneira de ser gentil e humilde, Ele nos deu um exemplo de completa obediência a Deus.

Jesus era o Messias, o cumprimento da promessa. A vida de Jesus, como criança, como jovem e como homem, é o nosso exemplo de um viver diário cristão. Temos de estudar a Sua vida e modelar as nossas pela Sua. Se o

fizermos, as nossas vidas serão cheias de significado e de felicidade. Teremos ainda que enfrentar tentações e resolver problemas, mas Jesus em nosso coração dar-nos-á a vitória sobre o pecado.

«Está escrito» é a resposta a todas as perguntas sobre comportamento social e moral. Quando somos confrontados com problemas de educação, namoro, casamento, educação dos filhos, vida no lar, recreação ou serviço missionário, encontramos a resposta na Santa Palavra de Deus e nos escritos do Espírito de Profecia.

A Bem-Aventurada Esperança

Como se compreende, mesmo depois de examinarmos a Palavra, às vezes ainda ficam alguns pontos obscuros ou não muito claros em nossas mentes. Porém, o plano da redenção é suficientemente claro. Portanto, a este respeito ninguém precisa errar. «Como podemos conhecer o caminho?», Jesus respondeu: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (João 14:5, 6). A Sua vida é o nosso exemplo.

Quando Paulo diz, «Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face», ele está-se referindo ao tempo em que todas as coisas serão restauradas. A esperança de tal restauração tem confortado o coração de milhões de crentes através dos séculos, ao olharem eles para o tempo em que o véu das sombras será removido e nós veremos Deus face a face.

Não sabemos o dia nem a hora em que Deus restaurará todas as coisas, mas sabemos que a segunda vinda de Cristo está perto. Em breve Jesus aparecerá no Céu para levar os remidos para o lar. Em breve Deus fará novas todas as coisas e tudo o que é imperfeito desaparecerá.

Ellen White diz: «Ao serem os resgatados recebidos na cidade de Deus, ecoa nos ares um exultante clamor de adoração. Os dois Adões estão presentes a encontrar-se. O Filho de Deus acha-se de pé, com os braços estendidos para receber o pai da nossa raça—o ser que Ele criou e que pecou contra o seu Criador, e por cujo pecado os sinais da crucifixão aparecem no corpo do Salvador. Ao divisar Adão os sinais dos cruéis cravos, ele não cai ao peito do seu Senhor, mas lança-se em humilhação a Seus pés, exclamando: «Digno, digno é o Cordeiro que foi morto!» Com ternura o Salvador o levanta, convidando-o a contemplar de novo o lar edênico do qual, havia tanto, fora exilado.»—*O Conflito dos Séculos*, pp. 475, 476.

A promessa está cumprida. O homem chegou ao fim da sua longa jornada do Éden para o Éden. O amor alcançou a sua plenitude.

Jesus vê as multidões que foram salvas pela Sua agonia e humilhação. Alegria e regozijo enchem todas as mentes e corações.

Neste ambiente sem pecado a vida conhecerá sua verdadeira plenitude. A educação começada nesta vida continuará através de toda a eternidade. «Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objectivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.»—*Ibid.*, pp. 497, 498.

O convite de Jesus para ali nos encontrarmos dirige-se a todos. Homens e mulheres de toda a nação, tribo, língua e povo encontrar-se-ão ali. Descrevendo o cumprimento da promessa, Ellen White diz: «O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O universo inteiro está purificado. Uma única palpação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. D'Aquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.»—*Ibid.*, p. 498.

Perguntas para Discussão

1. Para que fim criou Deus os Céus e a Terra?
2. Porque deu Eva ouvidos à serpente? Porque tomou Adão o fruto da mão de Eva?
3. Quando foi concebido o plano da salvação?
4. Quão completamente somos nós capazes de compreender o amor de Deus por nós? Quão completamente o poderemos compreender no Céu?
5. Podemos nós separar-nos do amor de Deus?
6. Como descrever o novo Céu e a nova Terra? O que quer dizer «ver face a face»?
7. Como podemos ter o Céu nos nossos corações agora? Como podemos reflectir o amor de Deus perante nosso próximo?
8. Como podemos fortalecer o nosso anseio pelo Céu?

HOMEM ALGUM TEM MAIOR AMOR

ROBERTO H. PIERSON

O que conta para Deus é o propósito fervoroso, a piedade profunda, o amor da verdade e o temor do Senhor.

Se Deus nos instrui a lermos um determinado capítulo da Bíblia todos os dias, então é porque esse capítulo tem de conter uma importante mensagem. Ellen White diz: «O Senhor deseja que chame a atenção do Seu povo para o 13.º capítulo de 1 aos Coríntios. Lêde este capítulo cada dia e dele obtereis conforto e vigor. Aprendei dele o valor que Deus dá ao amor santificado, nascido do Céu, e sem o qual todas as outras qualificações são sem valor.»—*The SDA Bible Commentary*, vol. 6, p. 1091.

Em 1 Coríntios 12 o apóstolo fala da bênção e diversidade de dons do Espírito—fé, cura, milagres, profecia, discernimento de espíritos, línguas, interpretações de línguas e outros. Os dons do Espírito tinham sido especialmente evidentes na igreja de Corinto. Paulo aconselhou os crentes: «Procurai com zelo os melhores dons» (1 Cor. 12:31).

Todavia, por importantes que sejam os dons do Espírito, Paulo declara que há um caminho mais excelente, algo que com mais razão deve ser buscado. O caminho mais excelente que o apóstolo deseja que conheçamos e pratiquemos é o caminho do amor. O amor anda a segunda milha; vai para além de qualquer limite.

«Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse o amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, se não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse amor, nada disso me aproveitaria» (cap. 13:1-3).

À vista de Deus há algo mais importante do que os dons enu-

merados em 1 Cor. 12. Há «um caminho ainda mais excelente». É o caminho do amor.

«Não é o orador eloquente, o intelecto agudo o que conta para Deus. É o propósito fervoroso, a piedade profunda, o amor da verdade, o temor do Senhor, que tem influência eficaz.»—*Ibid.*

O amor está para além dos dons naturais, para além dos talentos com que o Senhor nos dotou. É possível que os que possuem dons especiais se distingam ou os usem de forma errada. Mas o amor é o grande elo que mantém o povo de Deus unido.

O 13.º capítulo de 1 Coríntios, chamado por um escritor «o hino do amor», é uma porção das Escrituras que toda uma vida de estudo nunca conseguirá esgotar. Onde se pode encontrar um tão adequado capítulo para o exame de consciência? Mesmo as pessoas «boas» precisam de sondar frequentemente o seu íntimo.

Há cinco pontos que Paulo subordina ao amor neste capítulo e que se podem aplicar aos Adventistas do Sétimo Dia:

1. «Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos» (v. 1). Os Adventistas do Sétimo Dia podem ter um excesso de eloquentes pregações, um admirável programa mundial de evangelismo. Nossos evangelistas podem mesmo estar a pregar para além das suas forças. Nossos pastores podem estar dando febrilmente estudos bíblicos aos interessados. Os nossos outros obreiros da Igreja e membros leigos podem estar totalmente entregues a um forte testemunho em favor do Salvador e da Sua mensagem para os últimos dias. Mas se nós não amarmos os outros, somos sinos que tinem e metais que soam.

2. «Ainda que tivesse o dom de profecia» (v. 2). Eis um ponto com o qual os Adventistas se podem

identificar particularmente. Embora tenhamos o dom de profecia entre nós, se somos ásperos ou legalistas, se nos está faltando o amor de Cristo, Paulo declara que somos «nada». Com o dom da profecia tem de haver amor desinteressado que motive o povo de Deus.

3. «Ainda que ... conhecesse todos os mistérios» (v. 2). Os Adventistas do Sétimo Dia podem aplicar estas palavras à sua compreensão dos mistérios proféticos revelados em Daniel e selados até aos «tempos do fim», aos que se encontram no Apocalipse e em outras mensagens inter-relacionadas de diferentes profecias bíblicas. À nossa compreensão destas passagens da Inspiração devemos nós muito da nossa própria existência como movimento. Mas o apóstolo lembra-nos que isso nada conta se não reflectirmos o amor de Deus.

4. «Ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres» (v. 3). Estas palavras recordam-nos os nossos programas de assistência social. Quem é, proporcionalmente, mais activo nesta obra em favor dos necessitados do que os Adventistas do Sétimo Dia? O trabalho em favor dos outros é uma das características identificadoras do programa mundial dos Adventistas. É um dever. Não ousamos abrandar o passo, ou entorpecer, ou ir aos empurrões no nosso desejo e determinação de ajudar os que estão em necessidade. Mas este auxílio cristão tem de ser inspirado no amor, de outro modo para nada nos aproveitará, à luz da eternidade.

5. «Ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado» (v. 3). Aqui Paulo traz à luz o zelo do mártir—estar pronto a morrer pela verdade. A história da nossa Igreja está repleta de exemplos de homens e mulheres, rapazes e meninas, que amaram ao Senhor mais do que suas próprias vidas. Deixaram empregos, famílias, amigos e deram até a própria vida por amor à verdade de Deus.

O Amor tem de ser o Catalizador

A menos que estes actos de devoção sejam motivados pelo amor,

declara o apóstolo, eles para nada nos aproveitarão. E Ellen White diz acerca dos cristãos: «No seu zelo ele pode até sofrer a morte de um mártir, todavia, se for substituído do ouro do amor, será olhado por Deus como um iludido entusiasta ou um ambicioso hipócrita.» — *Testimonies*, vol. 5, p. 168.

Havia bons traços de carácter e boas acções entre os membros da igreja de Corinto, no primeiro século. Muitas dessas coisas devem ser recomendadas para as vidas e apostolado dos Adventistas do Sétimo Dia de hoje, mas o amor, o generoso amor de Cristo tem de ser o poder motivador de cada palavra e acção.

Tem de ser o amor a atrair-nos para Deus e a impelir-nos depois a empreender grandes coisas para Ele. Tem de ser o amor a quebrar barreiras e muros de separação entre irmãos e a inspirar-nos a ver o melhor naqueles com quem entramos em contacto. Sem esse amor semelhante ao de Cristo nada podemos fazer. «Não importa quão alta seja a profissão, aquele cujo coração não está cheio de amor a Deus e aos semelhantes, não é verdadeiro discípulo de Cristo.» — *Actos dos Apóstolos*, p. 318.

O que é o Amor ?

O que é este amor que Deus declara ser tão importante, tão absolutamente indispensável? Voltamos-nos para a Palavra de Deus em busca de resposta a esta pergunta.

Nesta primeira carta aos coríntios, o apóstolo usa a palavra grega *agapé*. Apenas recentemente se encontrou esta palavra noutra lugar sem ser a literatura cristã, embora ela apareça bastantes vezes na Septuaginta, a Bíblia grega usada pelos primitivos cristãos. Tal como é usada no Novo Testamento, *agapé* descreve o amor como um princípio. O amor *agapé* cresce em respeito pelas admiráveis qualidades do seu objecto. Amor *agapé* é uma qualidade especial de afeição demonstrada no companheirismo dos cristãos uns com os outros. Assim,

agapé, tal como é usado no Novo Testamento, é uma experiência divina que encontra o seu caminho no coração de um cristão nascido de novo.

Um especialista em Grego diz o seguinte acerca do amor *agapé* do Novo Testamento: «Não é um impulso dos sentimentos, nem sempre está de acordo com as inclinações naturais, ou se dispensa somente àqueles em quem se descobre alguma afinidade.» — W. E. Vine, *Expository Dictionary*, vol. 3, p. 21.

Quando lemos mais de perto as palavras de Paulo na sua carta aos crentes coríntios, e em diferentes versões das Escrituras, descobrimos novo e mais completo significado do que o amor de Deus faz por um cristão consagrado. Ciúme e inveja nunca terão lugar num coração cheio do verdadeiro amor de Deus.

O amor — o amor de que Paulo fala — não nos torna altivos nem vaidosos. Não inspira ideias enftuadas acerca da nossa competência ou influência. Não nos torna arrogantes nem nos incita a dar-nos ares ou a fingir que somos algo que realmente não somos.

Rudeza, comportamento impróprio, egoísmo, nunca brotam de um coração cheio da espécie de amor de que estamos falando esta manhã. Não nos faz susceptíveis — fáceis de ofender. Nunca nos leva a fazer listas das faltas dos nossos irmãos. O amor que Deus anseia ver em vós e em mim, encherá as nossas vidas com actos de paciência, simpatia, compaixão e ternura de coração.

Sim, tudo isto e muito mais se condensa no amor que Deus coloca dentro do coração do Seu povo, se Lhe dermos apenas uma oportunidade.

Quão cheios de instruções práticas, vindas do Céu à Terra, são os primeiros dois versículos de 1 Coríntios 13! Cada palavra ou frase é um sermão clamando que seja pregado; sim, é uma vida clamando que seja vivida por cada filho de Deus na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Jesus Cristo mostrou esses belos traços de carácter

na Sua vida aqui na Terra. «Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados» (Efés. 5:1).

Cada Adventista do Sétimo Dia anseia e ora pela terminação da obra — que a última mensagem de Deus possa ser apressada, possa voar até aos mais remotos confins da terra. Para esse dia nós vivemos, oramos, sacrificamos, trabalhamos.

Diz Ellen White: «Nada contribuirá mais para o estabelecimento do Reino do Redentor como o amor de Cristo manifestado pelos membros da igreja.» — *Testimonies*, vol. 5, p. 168.

Não é de mais dinheiro, de maiores orçamentos, mais equipamentos, melhores métodos ou mais dinâmicos planos que a Igreja precisa hoje para terminar a obra. É de amor — amor como o de Cristo — no coração!

Esta manhã de Sábado termina mais uma Semana de Oração, uma preciosa semana de ênfase espiritual. É minha oração que o povo de Deus em todo o mundo encontre este maravilhoso amor enchendo os seus corações e motivando as suas vidas. Possa o amor de que estudámos esta semana inspirar e dirigir todo o nosso viver. Que ele encha os nossos corações de maneira a impelir-nos e compelir-nos a sair e partilhar com outros a nossa experiência, até que o mundo todo possa ouvir as boas novas do Salvador prestes a voltar.

Perguntas para Discussão

1. 1 Cor. 12:31 fala de «melhores dons». Qual, dos dons de Deus, é o melhor?

2. Quão importante é, à luz de 1 Cor. 13:3-7, dar os nossos bens para alimentar os pobres?

3. Em que diferentes modos achais vós que o amor se torna uma qualidade coesiva na Igreja?

4. Quão importante é o amor para levar avante um programa dentro da Igreja e quão importante é ele no que respeita a alcançar a vizinhança?

SÁBADO, 4 DE NOVEMBRO

Oferta especial de fim de ano
no encerramento da Semana de Oração
e Sacrifício

O AMOR DE DEUS

(«As flores são os sorrisos de Deus»)

*EU VI MEU DEUS SORRIR, E ENTERNECI-ME,
AO CONTEMPLAR FORMOSA E FRESCA FLOR...
JÁ IA A TARDE EM MEIO, 'STAVA O CÉU LIMPO,
E O SOL BEIJAVA OS CAMPOS COM ARDOR...*

*FIQUEI FELIZ, EMBORA AQUEL' SORRISO,
NÃO FOSSE, EU SEI, DE INTEIRA APROVAÇÃO...
MAS EL' VINHA DE DEUS; ERA P'RA MIM,
E TRADUZIA AMOR E COMPAIXÃO...*

*OS SORRISOS DE DEUS BAILAM NAS FLORES,
EXPRESSAM-SE NAS FORMAS E NAS CORES,
PRODUZEM N'ALMA UM BEM APETECIDO...*

*OH! TERNO AMOR DE DEUS, QUEM TE MERECE!...
CONTUDO, ÉS OF'RECIDO A QUEM SE APRESSE
A ABRIR-TE O CORAÇÃO, RECONHECIDO...*

V. M.